

DEPÓSITO LEGAL
-0.DEZ. 1967

INTERNATIONAL

FÁTIMA-50

Ano I - Nº 7 13/Novembro/1967



FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano I - N.º 7 13/Novembro/1967

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA	
Chefe de Redacção: Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO	
Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA	
Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO	
Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA . Telef. 97223	
PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00 Ultramár, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00 Outros países — Assinatura anual: 130\$00 PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00 Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.	
SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.	
SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.	
NESTE NÚMERO :	
ACTUALIDADES	
Peregrinos e peregrinações	10
O Mundo em Fátima	26
Fátima no Mundo	38
Monumentos a Paulo VI	4
DOCUMENTOS	
O «Segredo» de Fátima	14
Les torts du Père Rouquette	16
HISTÓRIA	
Como a imprensa viu os acontecimentos de Fátima	7
COLABORAÇÕES	
A atitude da Igreja perante as aparições de Nossa Senhora	24
TESTEMUNHOS	
Fátima e a Paz	3
Discurso de S. E. Cardeal Ottaviani	14
ILUSTRAÇÕES	
Fotos a cores de Mário de Figueiredo; Fotos a preto e branco de «MARINHO».	
RESUMOS	
Resúmenes — Résumés — Summary	36, 37,
Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.	
«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.	
Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Lisboa/Cacém.	

QUADRO DE HONRA

A 22 de Agosto p. p. tivemos a honra de enviar como oferta a cada um dos Presidentes das Câmaras Municipais do Continente e Ilhas Adjacentes (e vamos agora fazer o mesmo para os do Ultramar) um exemplar da revista «FÁTIMA-50» — precisamente do n.º 4.

Pelo mesmo correio enviámos a seguinte carta circular. Ainda continuamos a receber respostas. Parece-nos contudo oportuno apresentar aqui publicamente o nosso agradecimento pelas palavras de estímulo e incitamento recebidas de muitos lados e pela simpática reacção ao nosso gesto.

Damos hoje neste quadro os nomes das terras cujos Presidentes se dignaram responder e, ou assinar a revista ou adquirir alguns exemplares.

De quase todos os outros estamos sem resposta. Mas ainda estão a tempo. E teremos muito gosto de publicar os nomes dos seus Conselhos neste quadro de honra no próximo número. Neste gesto vai o nosso profundo reconhecimento.

Exmo. Senhor Presidente:

Os meus respeitosos cumprimentos.

Recordamos todos ainda o dia lindo que V. Excia. com os outros Senhores Presidentes ou representantes dos Municípios do País viveram e nos fizeram viver na sua romagem à Fátima e na consagração que então fizeram da Nação Portuguesa ao Coração Imaculado de Maria.

A revista Fátima-50 fez uma brilhante reportagem gráfica e literária desses actos para os conservar arquivados nas suas páginas.

Pensámos enviar a V. Excia. ao menos uns dez exemplares pensando que V. Excia. teria gosto em os adquirir para conservar e oferecer aos seus vereadores e funcionários da Câmara e aos presidentes das Juntas de Freguesia do seu Concelho. Não os enviamos, porém, porque não queremos nem sequer de longe exercer qualquer pressão.

Na esperança de que V. Excia. nos vá fazer uma encomenda razoável temos o prazer e a honra de lhe oferecer um exemplar desse número que pode conservar, seja qual for a resolução que tomar.

O preço de cada exemplar é de 10\$00 e a assinatura por um ano custa 100\$00.

No caso de aceitar esta nossa sugestão rogamos o favor de nos mandar a encomenda sem demora: executa-la-emos imediatamente.

Aproveitamos o ensejo para formular os melhores votos pela saúde de V. Excia. e sua Exma. família e pelas prosperidades do Município a que tão dignamente preside.

Deus guarde V. Excia.

A bem da Nação

Fátima, 22 de Agosto de 1967.

Pela revista Fátima-50

O Director

(P. José Galamba de Oliveira)

LISTA DOS MUNICIPIOS QUE ADQUIRIRAM REVISTAS:

ÓBIDOS, MELGAÇO PAMPILHOSA DA SERRA, FAFE, BARREIRO, VISEU, FEIRA, SANTO TIRSO, SALVATERRA DE MAGOS, SILVES, MAÇÃO, ESTREMOZ, VILA REAL DE SANTO ANTONIO, MOITA, PENICHE, ALCOCHETE, RIO MAIOR, BAIÃO, GAVIÃO, OLIVEIRA DO BAIRRO, CARRAZEDA DE ANSIÃES, ESPOSENDE, SINTRA, BRAGA, CHAMUSCA, ALMADA, CASTRO MARIM, VIANA DO CASTELO, S. BRÁS DE ALPORTEL, GUIMARÃES, POMBAL, SANTA COMBA DÃO, PONTE DE SOR, VILA FRANCA DE XIRA, CALDAS DA RAINHA, OLIVEIRA DO HOSPITAL, TORRES NOVAS, OEIRAS, NISA, BENAVENTE, OVAR, ANADIA, GUARDA, VILA REAL, MAIA, PONTE DA BARCA, PORTO, RIBEIRA GRANDE, ALCOBAÇA E VILA NOVA DE OUREM.

LISTA DOS MUNICIPIOS QUE ASSINARAM A REVISTA:

VILA NOVA DE OUREM, RIBEIRA GRANDE, ALCOBAÇA, BARRANCOS, AMARES, LISBOA, VILA VERDE, SETUBAL, S. JOÃO DA MADEIRA, LOURES, LEIRIA, MAÇÃO, FUNCHAL, e ABRANTES.

FÁTIMA E A PAZ

FÁTIMA não se compreende plenamente senão em função da Paz. A Paz e Fátima andam ligadas uma à outra como a «Mensagem» ao Evangelho.

O Evangelho é uma mensagem de paz; a «Mensagem» de Fátima é um «evangelho» de paz. «Anuncio-vos uma boa nova que o será também para todo o povo ...» disseram os Anjos aos pastores de Belém. Esta boa nova ou Evangelho era um anúncio de paz, daquela paz que Jesus legaria aos Seus discípulos, à Sua Igreja, antes de ir para o Pai.

«Anuncio-vos que a guerra vai acabar ... mas é preciso que rezem o Terço todos os dias ...» terá dito, em diversas ocasiões, aos pastorinhos da Serra d'Aire, Nossa Senhora. Concretamente na primeira aparição: «Rezem o Terço todos os dias para alcançarem a paz para o Mundo e o fim da guerra». Na terceira aparição disse: «Continuem a rezar o Terço todos os dias em honra de Nossa Senhora do Rosário para obter a paz do Mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer». Na quinta aparição: «Continuem a rezar o Terço para alcançarem o fim da guerra». E na última aparição prometeu o fim da guerra, mas pediu uma vez mais para se continuar a rezar o Terço, e ainda «que não se ofenda mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido».

Sabemos que o pecado está na origem da guerra e o contrário da guerra é a paz como a penitência é o contrário do pecado. Se a Virgem, pois, nos comunica uma mensagem de penitência e oração, comunica-nos uma mensagem de paz, ensina-nos qual o remédio para salvar o Mundo da guerra.

Assim o compreendeu Paulo VI que peregrinou a Fátima para implorar da Virgem Maria «a paz interna da Igreja», para impor «a paz do Mundo». E como essa paz, dom de Deus, «que supõe a intervenção de uma acção do mesmo Deus, acção extremamente boa, misericordiosa e misteriosa», «nem sempre é dom miraculoso», dom «que opera os seus prodígios no segredo dos corações dos homens; dom que, por isso, tem necessidade da livre aceitação e da livre colaboração da nossa parte» e por conseguinte supõe a penitência, dirige-se aos homens de todo o Mundo: «Homens, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens».

Nesta frase tão simples, está resumida aquela sentença de Cristo: «É preciso nascer de novo», ou seja é necessário ser **HOMEM**, um homem novo para conquistar o Céu. No renascer, pela penitência, está o princípio da paz entre os homens.

Por isso dissemos e repetimos: Fátima e a Paz são inseparáveis. Daqui brota uma fonte de água pura que é um apelo constante à Paz. Daqui se prega, para todo o Mundo, um evangelho resumido tão ao gosto do nosso tempo apressado, mas autêntico.

Todas as iniciativas de Fátima, que de Fátima partem, que a Fátima conduzem, são iniciativas de Paz. Assim foi a viagem da Imagem Peregrina à volta do Mundo; assim é esta recente viagem do «Avião da Paz» que leva, de novo, através dos céus do Mundo inteiro e para o Mundo inteiro, uma palavra de Paz no sorriso doce e triste da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.



Em bronze: OS PASSOS DE PAULO VI A CAMINHO DE FÁTIMA



S. Excia. Revdma. Mons. Hipólito Rottoli descerra uma das placas comemorativas da chegada de Paulo VI a Monte Real.



A recordação histórica da peregrinação do Papa Paulo VI a Fátima começa a plasmar-se no bronze de expressivos monumentos cronológicos enquanto aguarda o maior e mais significativo de todos, a estátua a erigir dentro do Ano Jubilar das Aparições, na Cova da Iria e para o qual contribuirão todos os portugueses.

Coube a vez, em primeiro lugar, como era natural, à base aérea de Monte Real, primeiro pedaço da terra portuguesa que o Santo Padre pisou e donde dirigiu a Portugal as suas primeiras palavras e pela primeira vez rezou na Terra de Santa Maria.

Foram inauguradas, no dia 11 de Outubro, três simples mas evocativas placas de bronze, uma no frontispício da capela da base, com os seguintes dizeres: **AQUI REZOU S. S. PAULO VI PEREGRINO DE FÁTIMA, 13 DE MAIO DE 1967**, descerrada por Mons. Hipólito Rottoli, Arcebispo eleito de Tíbiuca e Encarregado de Negócios da Nunciatura Apostólica de Lisboa, o qual proferiu a seguinte alocução:

«Meu primeiro desejo é exprimir às autoridades da Força Aérea portuguesa a mais viva satisfação pela ideia que tiveram de recordar, de uma maneira tão nobre e digna, a passagem do Santo Padre por este aeroporto, naquele dia memorável de 13 de Maio.

Isto é sinal indúbio de gratidão para com Sua Santidade, mas demonstra também aqueles que lançaram e realizaram a ideia, com devoção e entusiasmo, sentimento de devoção filial ao Sumo Pontífice, ao Papa e à Santa Sé, penhor de trilhar, assim, o filão de ouro da mais pura fé católica, que através dos séculos desde o alvorecer da Nação, a alma portuguesa sempre cuidadosamente conservou e defendeu, considerando-o entre os valores mais altos do património moral e religioso da Nação.

É meu dever, como representante neste momento, do Santo Padre, nesta terra bela e bendita, agradecer sincera e cordialmente a todos aqueles que foram os idealizadores e os promotores da cerimónia de hoje.

Seja, pois, permitida uma breve reflexão, sobre os acontecimentos que esta cerimónia quer recordar e perpetuar.

(Continua na pág 6)

Brigadeiro Fernando de Oliveira procedendo a idêntico acto com a segunda placa.

Exmos. e Revdmos. Senhores Bispos de Leiria e Auxiliar e Titular de Tíbiuca, com as entidades que assistiram à inauguração das placas comemorativas.



A CAMINHO DE FÁTIMA BASE AÉREA DE MONTE REAL



Eng. Vaz Pinto descobre a placa que assinala a hora da chegada de Paulo VI.



Tripulantes, comissários e assistentes de bordo na viagem do Santo Padre a Fátima.

NO «CARAVELA DIU» DOS T. A. P.

Para comemorar a viagem do Papa Paulo VI a Fátima e seu regresso a Roma a bordo de um avião dos TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES, facto que não só honrou esta empresa como todo o País, foi descerrada no «CARAVELA» «DIU», uma placa com os seguintes dizeres: **«SUA SANTIDADE O PAPA PAULO VI UTILIZOU ESTE AVIÃO NA SUA PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA, NA DATA DO CINQUENTENÁRIO DA PRIMEIRA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA, 13 DE MAIO DE 1967.»**

A cerimónia realizou-se num dos hangares que a T. A. P. possui no aeroporto de Lisboa e foi presidida por S. E. Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, no dia 1 de Agosto. Assistiram Mons. Hipólito Rottoli, Arcebispo Titular de Tíbiuca e até à data Encarregado de negócios da Nunciatura Apostólica de Lisboa, Eng. Vaz Pinto, presidente do conselho de administração dos T. A. P. e os administradores Eng. Mendes Barbosa, Embaixador Xara Brasil e Luis Forjaz Trigueiros, bem como comandantes, directores de serviços e outros funcionários superiores da companhia e ainda toda a tripulação que conduziu Sua Santidade.

O Eng. Vaz Pinto proferiu umas palavras alusivas ao acto em que, depois de agradecer a presença do Senhor Cardeal Patriarca e Encarregado de negócios da Nunciatura, declarou: «Nós todos, os dos T. A. P., não podemos esquecer a presença neste avião, no momento culminante das comemorações do 50.º aniversário das Aparições de Fátima, de S. Santidade o Papa Paulo VI e, para que essa recordação permaneça, mandámos executar esta placa e assinalar o avião com as armas pontifícias».

Após esta cerimónia, Mons. Hipólito Rottoli procedeu, em nome de Sua Santidade, à entrega de condecorações a todos os membros da tripulação que conduziu de Roma a Monte Real e de Monte Real a Roma, o Papa Paulo VI. Foram condecorados: comandante Amado da Cunha, com a comenda, com placa, de São Silvestre; comandante João Graça, com idêntica comenda; Orlof Esteves, Renato Gouveia Gonçalves, Manuel Barbeiro, Luis Filipe Garin e Manuel Oliveira Rosa, com o grau de Cavaleiro; as assistentes de bordo D. Maria Cairo Piçarra e D. Maria do Rosário Souto Vaz, com a cruz «Pro Ecclesia et Pontifice».

Os TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES, além da segurança, conforto e proverbal cortezia, oferecem doravante, aos seus clientes, mais este suplemento: **O PRAZER DE VOAR COM A COMPANHIA QUE TRANSPORTOU O PAPA PAULO VI NA SUA PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA.**



(Continuação da pág. 4)

Veio Sua Santidade o Papa a Fátima no Cinquentenário das Aparições, peregrino da paz, a rezar pela paz. A paz foi o motivo dominante dos vários discursos que, então, Sua Santidade pronunciou desde o primeiro anúncio na Basílica de S. Pedro, à homília da Santa Missa que celebrou naquela, hoje conhecida por «Altar do Mundo», às mensagens de saudação enviadas com paterna cortesia, no momento de deixar o território português.

Foi uma grande lição de fé e de coerência religiosa.

A paz é dom de Deus: portanto devemos pedi-la com a oração humilde e contínua.

Mas a paz é também condicionada pelas disposições do ser humano: portanto sejamos seus construtores leais e honestos, recordando que ela é fruto da caridade e da justiça e que supõe sacrifícios e renúncias, a fim de que prevaleça e se afirme, não o bem limitado de cada um mas o bem e o interesse da comunidade, no respeito recíproco dos direitos e das exigências.

A Nação e o povo português foram os afortunados, os escolhidos, diria, pela Divina Providência, para ouvir dos lábios do Santo Padre esta maravilhosa lição de paz. Eles ouviram-na com gratidão. Possam agora guardá-la

ciosamente no âmago do seu espírito e inspirar-se sempre nela, na sua vida familiar e social, privada e pública, nacional e internacional, colaborando assim no esforço, sem tréguas, do Santo Padre, para que a paz reine no mundo, e, deste modo, o ano comemorativo das Aparições de Nossa Senhora de Fátima atinja o seu fim primeiro: A PAZ.»

Uma outra placa, no lugar onde o avião pontifício parou, diz: AS 09.44 DO DIA 13 DE MAIO DE 1967 ATERROU NESTA BASE O CARAVELA DOS TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES TRAZENDO A BORDO S. S. O PAPA PAULO VI. Descerrou-a o presidente dos T. A. P. senhor Eng. Vaz Pinto. A terceira placa de bronze, descerrada na base do grande relógio solar do aeroporto militar pelo Sr. Secretário de Estado da Aeronáutica Brigadeiro Fernando de Oliveira, tem estas palavras gravadas: AQUI CHEGOU DAQUI PARTIU PAULO VI, PAPA PEREGRINO DE FÁTIMA 13 DE MAIO 1967.

Assistiram a esta homenagem as referidas entidades que descerraram as placas e ainda os senhores Bispo de Leiria e Auxiliar, D. João Pereira Venâncio e D. Domingos de Pinho Brandão, se-

nhores Generais Simão Portugal, Comandante da 1.ª Região Militar, Brilhante Paiva e Mário Polleri, Brigadeiro Armando Correia Mera, respectivamente chefe e subchefes do Estado-Maior da Força Aérea; Sr. Olímpio Duarte Alves, Chefe do Distrito, Comandante Soares de Melo, administrador dos T. A. P. Dr. Queirós Nazaré, chefe das Relações Públicas, professor Bernardo Pimenta e Adriano Roldão, presidentes dos Municípios de Leiria e da Marinha Grande, Coronel Figueiredo Cardoso, chefe de gabinete do Secretário de Estado da Aeronáutica, Tenente-Coronel Padre João Ferreira, capelão-chefe da Força Aérea e ainda comandantes militares das unidades de Leiria, tripulantes do «Caravela» em que viajou S. Santidade, comandantes Amado da Cunha e João Graça; mecânicos Neto Gouveia e Gonçalves; comissários Orlofe Esteves, Manuel Barbeiro, Luis Garin e José Rosa; assistentes Maria do Socorro Piçarra e Maria do Rosário Soto Vaz. Presentes ainda, representantes da Imprensa Diária e Regional, entre os quais os Directores de «O MENSAGEIRO», de Leiria, «A VOZ DO DOMINGO» e «FÁTIMA-50».

O AVIÃO DA PAZ DÁ A VOLTA AO MUNDO COM NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Ideia original do escritor católico norte-americano, John Haffert, que consagrou a Nossa Senhora de Fátima alguns dos seus livros mais divulgados, a viagem do «Avião da Paz» ao redor do Mundo tem por finalidade, segundo palavras de Mons. Colgan, «atrair os olhares do Mundo para os pedidos de Fátima: oração e penitência, único caminho para a paz».

Especialmente decorado para esta viagem, leva pintados na fuselagem os seguintes dizeres: «PAZ PARA O MUNDO». Partiu de Nova Iorque em direcção a Lisboa para ali desembarcar mais de uma centena de membros do Exército Azul, promotor da viagem, que iriam a Fátima nos dias 12 e 13 de Outubro participar na grande peregrinação comemorativa do «milagre do Sol» e assistir à bênção das 12 Imagens de Nossa Senhora de Fátima a entregar, pelo sr. Bispo de Leiria, Dom João Pereira Venâncio, convidado de honra destas significativa romagem mundial, a outras tantas cidades; Berlim, Praga, Teerão, Damasco, Beirute, Jerusalém, Carachi, Nova Deli, Ramgum, Bangkok, Saigão, Tóquio.

Os peregrinos americanos, antes de partirem para a Europa, assistiram a uma vigília contínua na noite de 6 para 7 de Outubro na igreja de São José de Washington. A viagem demorará 32 dias e está previsto o seu termo para o dia 12 de Novembro, no aeroporto de Columbus, Ohio, único ponto dos Estados Unidos da América do Norte integrado no programa da viagem. Ai, segundo notícias recebidas recentemente, aguardará o regresso do «Avião da Paz», uma multidão calculada em mais de cem mil pessoas que irão, em grandiosa procissão, até à catedral.

Quase todas as Nações visitadas estão na periferia do «mundo comunista». A ordem das escalas é a seguinte: «França (Lourdes e Paris), Alemanha Ocidental (Berlim), Checoslováquia (Praga), Áustria (Viena), Itália (Roma), Grécia (Atenas), Líbano (Beirute), Israel (Jerusalém) Pérsia (Teerão), Índia (Nova Deli, Jaipur, Agra e Calcutá), Tailândia (Bangkok), Vietname (Saigão), Filipinas (Manila), Hong-Kong, Formosa (Taipe), Coreia (Seul), Japão (Tóquio).

S. Excia. Revdma. D. João Pereira Venâncio que já enviou notícias de Lourdes onde a peregrinação foi recebida com um entusiasmo fora do vulgar e onde foi concelebrada Missa na Gruta das Aparições, na qual participou o senhor Bispo de Leiria, disse, ao embarcar no aeroporto de Lisboa:

«Correspondi e aceitei o convite do Exército Azul, porque creio que esta peregrinação está correspondendo aos desejos de Nossa Senhora de levar a Sua Mensagem de paz a todos os homens, sem distinção.»

Esperamos que todos os leitores de FÁTIMA — 50 queiram acompanhar espiritualmente esta viagem, rezando pelo êxito da mesma que é o triunfo da paz, por intercessão de Nossa Senhora.

COMO A IMPRENSA VIU OS ACONTECIMENTOS DA COVA DA IRIA EM 1917



Por Mons. A. Antunes Borges

PASSADOS os primeiros 50 anos após as aparições de Nossa Senhora em Fátima, já se torna possível fazer um exame mais objectivo e independente da posição tomada pela imprensa de então, acerca dos acontecimentos da Cova da Iria.

Se tomarmos em conta as circunstâncias político-religiosas em que se vivia, neste período, não podemos deixar de reconhecer que a atitude geral da imprensa dificilmente se libertaria do reflexo nefasto, vivo e profundo da mentalidade anticlerical da época.

E se olharmos para este fenómeno humano e o relacionarmos com o facto supra-humano que acompanhou a mensagem que era trazida aos homens por meio de Nossa Senhora, somos levados a reconhecer, que devia ser assim mesmo. É esta, na verdade, a normal economia de Deus nas Suas obras relacionadas com a salvação dos homens. Respeitando sempre a liberdade humana, Deus serve-se até dos seus desvios para atingir os Seus fins.

O que então se escreveu sobre os acontecimentos da Cova da Iria, constitui, hoje, o melhor documento sobre a realidade das aparições de Nossa Senhora às três crianças de Aljustrel.

Desta forma, a imprensa que deve ter sempre como fim primário na sua actuação, dar a conhecer a verdade dos factos aos seus leitores, ainda desta vez, o conseguiu, para além e contra o que pretendia na maioria dos casos: ridicularizar para destruir tudo o que se começou a verificar desde 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917.

Mas porque se tratava de uma obra de Deus, a verdade devia aparecer brilhante e imperiosa, através das malhas serradas da posição malévola dos homens. Até no facto de ter sido *O Século*, um dos jornais de maior prestígio no País, naquele período, o grande divulgador dos acontecimentos de Fátima, podemos descobrir a acção de Deus na consecução dos Seus fins.

Foi realmente este jornal o primeiro a despertar a opinião pública sobre os acontecimentos da Cova da Iria com um artigo da autoria do seu correspondente de Meia-Vila, Torres Novas, com data de 21 de Junho de 1917 e publicado a 23 seguinte.

O título que encimava esta correspondência — *Uma Embaixada Celestial* — já por si significava a intenção do representante deste jornal, órgão da impiedade e do livre-pensamento. A leitura do artigo confirma este espirito que toca, até, as raias da irreverência e da blasfémia. São ainda transparentes os cegos preconceitos, a leviandade e o ridículo com que se descrevem aqueles acontecimentos. É o próprio autor que esclarece que nem sequer tem a certeza que aquela «criatura a mulherzinha» por ele interpelada, esteve na Cova da Iria: «Creio que também fez parte da romagem pelas completas informações que soube dar (...)». E referindo-se aos videntes, — que para o articulista eram apenas duas crianças — acrescenta em tom categórico: «Nisto ouve-se um ruído semelhante ao ribombar do trovão e logo a seguir as duas crianças que estavam junto duma carraqueira circundada por muitas florinhas, creio que paradisíacas, irromperam num choro aflitivo, fazendo gestos epiléticos e caindo depois em êxtases.»

Do ridículo, o repórter de *O Século* cai em afirmações irreverentes, para não dizer blasfemas, acrescentando: «A uma delas, a que tinha o privilégio de ver e ouvir a Santa, fizeram várias pessoas muitas perguntas, às quais respondia dizendo que via uma espécie de boneca muito bonita, que lhe falara.»

Satisfeito com aquele encontro com a mulherzinha informadora do que se tinha passado na Cova da Iria naquele dia 13, concluía com arrogância: «(...) retirei-me formulando uma opinião acerca do que acabava de ouvir. O caso parece extremamente irrisório e, seriamente, não o teria acreditado se aquela criatura não merecesse a máxima confiança por ser sincera e verdadeira (...). Entretanto, é a minha opinião que se trata duma premeditada especulação financeira cuja fonte de receita existe nas entrañas da serra, em qualquer manancial de águas minerais que recentemente tenha descoberto algum individuo astucioso que, à sombra da religião, quer transformar a Serra de Aire numa estância miraculosa, como a velha Lourdes.»

Era sob este signo do ridículo que *O Século* abria o caminho à intensa propaganda sobre os acontecimentos da Cova da Iria, logo após a segunda audiência dada pela Mãe de Deus aos três pastorinhos

da Serra d'Aire. Mas o efeito deste sinal de alarme lançado pelo diário lisboeta, havia de despertar um movimento de curiosidade, atraindo à Cova da Iria, nos meses seguintes, crescentes multidões de peregrinos ou simples curiosos, vindos de todos os recantos do País.

Desta forma, se iniciava a divulgação da mensagem de Nossa Senhora, através da imprensa, que, malgrado seu e contrariamente às suas malévolas intenções, substituiu, com vantagem, o clero que, nesta hora, se encontrava afastado dos acontecimentos da Cova da Iria, quer por iniciativa própria, quer por ordem explícita da autoridade eclesiástica.

Deixemos para a próxima ocasião o reflexo deste alarme jornalístico na restante imprensa anticlerical e limitemo-nos apenas a verificar, sumariamente, como este aguerrido paladino do livre-pensamento se sentiu, a pouco e pouco, arrastado para a visão verdadeira dos factos, impellido pela clarividência dos extraordinários acontecimentos da Cova da Iria.

Os três seguintes artigos, reproduzidos já no número anterior desta revista, da autoria do correspondente de O Século, Avelino de Almeida, antigo seminarista de Santarém, agora sem fé e enredado nas escuras meadas da maçonaria e do jacobinismo anticlerical, aparecem, após longo silêncio, com data de 13, 15 e 29 de Outubro de 1917, este último publicado na Ilustração Portuguesa.

O primeiro artigo encimado pela irónica declaração: «EM PLENO SOBRENATURAL» — apresenta uma breve descrição das aparições dos meses anteriores, precedida de grandes reservas e prévias explicações a transpirarem o maior cinismo, à guisa de preparação psicológica para o fatal relato que, dois dias depois, o antigo seminarista iria apresentar aos seus ansiosos leitores. Nem deixa de pôr de sobreaviso os crentes a quem se dirige, logo no início da sua exposição, com estas tranquilizadoras palavras: «Não se entristeçam nem se amofinem os corações devotos, não se conturbem nem sobressaltem as almas cândidas e fiéis: longe de nós o intuito de escandalizar os que sinceramente crêem (...).»

Em desacordo com estas suas precauções, o autor deste preâmbulo tranquilizador, afirma: «A fenomenologia das aparições é a mesma de sempre. Fátima recorda Lourdes, o derradeiro, florido rebento d'aquela frondosa árvore genealógica do culto mariano que esbracejou pelos Pireneus e pelos Alpes (...).» E mais adiante, afirma ainda: «O que ocorrerá em Fátima? Sabê-lo-hemos em breve.»

Mal supunha Avelino de Almeida, ao deixar estas palavras escritas em Lisboa, para saírem a público, exactamente, no mesmo dia em que a Senhora do Rosário ia confirmar, em Fátima, a Sua mensagem com um extraordinário fenómeno de que seria ele mesmo a testemunha mais célebre ao lado dos três videntes.

O seu artigo, publicado em O Século dois dias depois, havia de ficar para sempre ligado à história de Fátima como a acta mais célebre do prodigioso milagre com que Nossa Senhora quis selar a Sua mensagem sobrenatural.

Descobre-se nele, todavia, a dupla personalidade que já lutava no íntimo da alma do articulista: uma, o que ele era, nesta altura, — o fiel homem de confiança do espírito do diário lisboeta; a outra, os restos do que ele fora noutros tempos quando vivia ligado à fé.

Escolhido para primeiro arauto nacional da última audiência da Celeste Mensageira, não lhe podia

faltar a parte penitencial, qual preparação para aceitar e levar aos outros o que não julgava ali encontrar: «Por um fácil equívoco, escreve Avelino de Almeida, o trem que nos devia conduzir, Judah Ruah e a mim, até à Vila, não apareceu e decidimo-nos a calcorrear corajosamente cerca de duas léguas (...).»

É serena, impressionante a sua descrição de tudo o que os seus olhos presenciaram. Avelino de Almeida sente-se, agora, na Cova da Iria, como se sentiria, nos tempos em que frequentava o Seminário. Tudo o impressiona; a sua linguagem parece de outrem: «As cordas de água, batidas por um vento agreste, mas que a ninguém impacientam ou faz desistir de prosseguir»; o grosso dos romeiros, milhares de criaturas, vindas das várias províncias, alentejanos e algarvios, minhotos e beirões, cujo «conjunto é simplesmente fantástico.»

Assiste-se, então, diz Avelino de Almeida, a um espectáculo único e inacreditável para quem não foi testemunha dele (...); «vê-se toda a imensa multidão a voltar-se para o sol que se mostra liberto de nuvens, no Zenit. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega (...). Aos olhos deslumbrados daquele povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos, e que, pálido de assombro com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fora de todas as leis cósmicas (...).»

E mais adiante completa a sua descrição: «São perto de 15 horas. O céu está varrido de nuvens e o sol segue o seu curso com o esplendor habitual que ninguém se atreve a encarar de frente.»

Fascinado por tudo quanto presenciou, Avelino de Almeida, já sabe descobri-la na alma dos espectadores o reflexo do sobrenatural que não reconhecia na véspera: «Os peregrinos que mais depressa se retiraram (...), vão com a alma em lausperene, levar a boa nova aos lugarejos que não se despovoaram de todo.»

Ao terminar, pondo de parte os comentários irónicos que lhe eram tão próprios, limita-se a confessar: «Resta que os competentes digam da sua justiça sobre o macabro bailado do sol que hoje, em Fátima, fez explodir hossanas dos peitos dos fiéis e deixou naturalmente impressionados — ao que me asseguram sujeitos fidedignos — os livres pensadores e outras pessoas sem preocupações de natureza religiosa que acorreram à já celebrada charneca.»

Entre os livre-pensadores impressionados com os factos da Cova da Iria, em 13 de Outubro, não podemos deixar de contar o autor do documento número um dos fenómenos ali passados que O Século publicou.

Não é em vão que, alguma vez, o homem se encontrou no ambiente da graça que o ilumina e guia na vida. Transparece esta influência no artigo de 15 de Maio. Mas torna-se clarividente e comunicativa no seu testemunho que havia de aparecer na Ilustração Portuguesa de 29 de Outubro, com o título: — «O MILAGRE DE FÁTIMA» —, subintitulado: — «CARTA A ALGUÉM QUE PEDE UM TESTEMUNHO INSUSPEITO».

Este Alguém esteve também na Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917, entre os livres-pensadores que de lá saíram impressionados — era António de Bastos, presidente da Câmara Municipal de Santarém.

Foi exactamente esta luta despertada na sua alma por tudo o que tinha presenciado, na Cova da

Iria, onde fora apenas como espectador indiferente, e, dias depois, novamente agitada intensamente por quanto a imprensa narrava, quer da parte adversa, quer no ambiente católico, que levou o Presidente da Câmara de Santarém e pedir a Avelino de Almeida, seu antigo condiscípulo do seminário e como ele afastado dos caminhos da fé e enredado nas intrincadas malhas da maçonaria, que lhe manifestasse a sua opinião pessoal sobre tudo o que se tinha passado na Cova da Iria naquele dia 13 de Outubro.

Foi assim que apareceu o terceiro artigo moldado sob uma forma mais pessoal, mais independente de compromissos, onde se descobre o novo Avelino de Almeida, em contraste bastante profundo com o que tinha aparecido nas comunicações de 13 e 15 de Outubro daquele mesmo mês.

Nos primeiros era o representante do diário lisboeta que falava dos fenómenos tais quais apareciam aos seus prescutores sentidos, escondendo a sua renovada pessoa, com o renascer duma nova visão dos factos que não convinha ao espírito daquele órgão liberal expôr.

Na Ilustração Portuguesa, com quem não tinha compromissos de ordem ideológica, Avelino de Almeida não narra apenas os factos, mas espelha-se a si mesmo no turbilhão das novas ideias que agora o transportam ao tempo em que vivia da sua fé.

A primeira palavra ao antigo colega do seminário é uma confissão pública de ambos: «Quebrando um silêncio de mais de vinte anos e com a invocação dos longínquos e saudosos tempos em que convivemos n'uma fraternal camaradagem, iluminada, então, pela fé comum e fortalecida por idênticos propósitos, escreves-me que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima (...). Foste um crente na tua juventude e deixaste de sê-lo (...). O teu racionalismo sofreu um formidável embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu (...). Os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas e raras foram os que ficaram insensíveis à grandeza de semelhante espectáculo, único entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo.»

O antigo membro vivo da Igreja pela sua fé reaparece neste preâmbulo, para depois falar como então aprendeu.

«O que vi e me levou a Fátima?»

«Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascensão, apareceu a três crianças (...).

«Vi a multidão (...) aguardar na melhor ordem as manifestações sobrenaturais, sem temer que a invernia as prejudicasse (...). Vi que o desalento não invadiu as almas, que a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades (...). E quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante (...) que vi eu de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima?»

«— A chuva, à hora prè anunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro rei — disco de prata fosca — em pleno zenit — aparecer e começar dançando n'um bailado violento e convulso (...). Milagrel gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi ... O resto é com a Ciência e com a Igreja ...»

Apesar de se ter servido da Ilustração Portuguesa para ali dizer o que viu e ouviu, na Cova da Iria, sem preconceitos, sem rodeios irónicos, com imparcialidade, Avelino de Almeida, só porque foi imparcial,

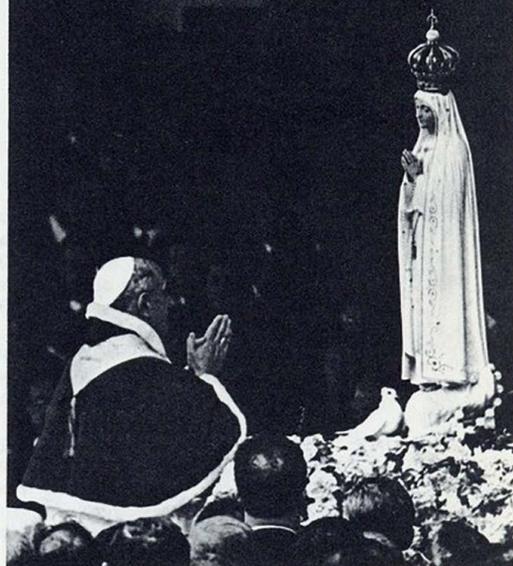
foi atacado violentamente pelos seus antigos correligionários.

Exactamente naquele mesmo dia 29 de Outubro, em que a Ilustração Portuguesa publicava o seu testemunho, O Século Cómico aparecia com uma gravura irreverente com a legenda: «A fome! Esta é que é a verdadeira aparição, palpável e real.

A ele se devia referir, sem dúvida, o correspondente de O Mundo, quando escrevia: «E há antigos seminaristas que jubilosamente se prestam a servir essa mentira para iludir os papalvos.»

Nada sabemos como reagiu Avelino de Almeida à campanha de descrédito que lhe moveram, nem como se comportou diante das profundas impressões que levou da Cova da Iria, em 13 de Outubro de 1917.

PAULO VI EM FÁTIMA



Já está à venda, ao preço de 150\$00 o artístico álbum comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário. Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima ou à Administração de «FÁTIMA · 50», Fátima.



Como nas grandes noites de vigília, assim Fátima em 12 de Outubro de 1967
— Fátima: Oct. 12/1967.

13 DE OUTUBRO DE 1967

CINQUENTA anos após a última aparição de Nossa Senhora, juntaram-se no mesmo local, Cova da Iria, cerca de 300 000 peregrinos já não só portugueses como as dezenas de milhar de então, mas também de muitos Países do Mundo inteiro, sendo notável a presença de 140 vietnamitas, 150 norte-americanos, 150 brasileiros, 460 alemães, um grupo de polacos residentes em Paris e centenas de outros da Espanha, França, Itália, Suíça, Inglaterra, Canadá, Camarões.

A presidir a estas peregrinações ou a título individual, estiveram nesta altura em Fátima os senhores Bispos de Angoulême, Messina, Auxiliar do Luxemburgo, Mons. Deroineal, Arcebispo de Kiuning, China continental, donde foi expulso em 1951 e actualmente residente em Paris; Monsenhores Kusco, do Canadá, António Holling e Adalberto Senders, da diocese de Hildesheim, Alemanha, John P. Hourhan, director do ensino da catequese a surdo-mudos da Diocese de Newark, América do Norte e Mons. Loya, Capelão internacional de Rito Bizantino do Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima.

As cerimónias religiosas foram presididas pelo senhor D. Manuel de Jesus Pereira, Bispo de Bragança, que presidia igualmente à peregrinação da sua Diocese, de cerca de 6000 pessoas, o qual celebrou a Missa do dia e deu a bênção aos doentes. Assistiram os Bispos portugueses de Leiria e Auxiliar, de Coimbra, de Tete, D. Félix Niza Ribeiro e Coadjutor de Lamego.

À homília, o Rev. Côn. Dr. José Galamba de Oliveira proferiu uma brilhante alocução.

Durante toda a noite de 12 para 13 foram concelebradas várias missas na Basílica, enquanto alguns

milhares de peregrinos permaneciam em adoração ao Santíssimo Sacramento.

A Missa comunitária foi celebrada pelo senhor Bispo de Messina, Itália, Mons. Francisco Fasola, durante a qual foram distribuídas cerca de 15 000 comunhões, por dezenas de sacerdotes.

Foram igualmente dezenas de sacerdotes os que ouviram de confissão, durante toda a tarde do dia 12 e durante toda a noite, muitos milhares de peregrinos, o que vem confirmar uma vez mais o facto de que em Fátima se faz autêntica penitência e não apenas sacrifícios que nem todos sabem ou querem compreender.

O coro do Seminário de Leiria entoou os cânticos litúrgicos e os hinos religiosos populares, sob a regência do maestro Dr. Carlos da Silva. A oração dos fiéis, sempre dentro do espírito ecuménico que inspira de há muito as peregrinações à Cova da Iria, foi recitada nos seguintes idiomas além do português: francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, húngaro e polaco.

O andor de Nossa Senhora foi transportado da Sua capelinha para o alto da escadaria, aos ombros do Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém e dos Comandantes gerais, graduados e guardas da P. V. T. que prestaram serviço no Santuário nestes dias. Ao seu regresso, na Procissão do Adeus, foi transportada por um grupo de Vietnamitas, militares e guardas da P. V. T.

Comemorando-se, nesta data, o «milagre do Sol» verificado em 13 de Outubro de 1917 para, segundo a promessa da Virgem, confirmar a realidade das Suas Aparições, o pensamento que, não obstante, ocupava a mente de todos era aquela palavra-queixa



A condução da Imagem da Virgem para o altar exterior da Basílica

de Nossa Senhora: «Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido» e as intenções especiais desta peregrinação que eram: implorar à Virgem Maria a paz interna para a Igreja e a paz para o Mundo, e as Suas bênçãos para o Sínodo dos Bispos e o Congresso Mundial dos Leigos que se realizavam em Roma.

Entre as personalidades presentes são de notar o senhor Dom Duarte Nuno de Bragança, os senhores Governadores Civis de Santarém e Leiria, Comandantes da P. V. T., Comendador Nogueira da Silva, Cónego Noé Pereira, Capelão-chefe dos capelães militares do Brasil e em representação dos mesmos, Rev. Pe. António Cunha, Capelão-chefe das Comunidades Portuguesas do Canadá.

Nota penitencial de sacrifício corporal, aliás vulgar em Fátima, a dada por dois grupos de peregrinos que vieram de Évora e de Ponte de Sor a pé. Ainda uma característica pereregrinação de homens do mar da Afurada, com seus trajos de pescadores, transportando uma oferta simbólica para Nossa Senhora de Fátima.

O senhor Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Fátima, renovou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e, depois de pedir orações pelas várias intenções desta peregrinação e ainda pelos diversos grupos de peregrinos presentes, anunciou a sua viagem de Paz com Nossa Senhora de Fátima à volta do Mundo, para o que pediu igualmente as orações dos fiéis.

As circunstâncias em que esta grandiosa peregrinação se processou, deixam-nos a grata impressão de que as Comemorações Cinquentenárias não tiveram aqui o seu termo, antes um impulso mais para continuarem com o mesmo espírito de penitência e oração, cumprindo-se a Mensagem de Nossa Senhora. Meio ano mais nos separa do fecho deste Jubileu, meio ano que promete muitas graças para os fiéis devotos de Nossa Senhora e muita glória para Deus e forte achega para o triunfo definitivo do Imaculado Coração de Maria.

Monsenhores António Holling e Adalberto Senders com outros peregrinos estrangeiros





Os filhos dos pescadores levam, à Senhora de todas as tormentas, os ex-votos dos pais

Perante uma grande multidão a Senhora de Fátima e o seu Bispo

BRAGANÇA PEREGRINA A FÁTIMA

Ó Maria, Virgem Imaculada, Mãe de Deus e Mãe nossa, eis-nos aqui, de joelhos diante da Vossa Imagem, no local onde há cinquenta anos Vos revelastes. Somos os Vossos filhos da Diocese de Bragança. Conheceis-nos bem dos Vossos santuários das Graças, da Serra, da Assunção, de Tuizelo, do Nazo, da Ribeira, do Caminho, do Amparo onde tantas vezes carinhosamente nos tendes atendido.

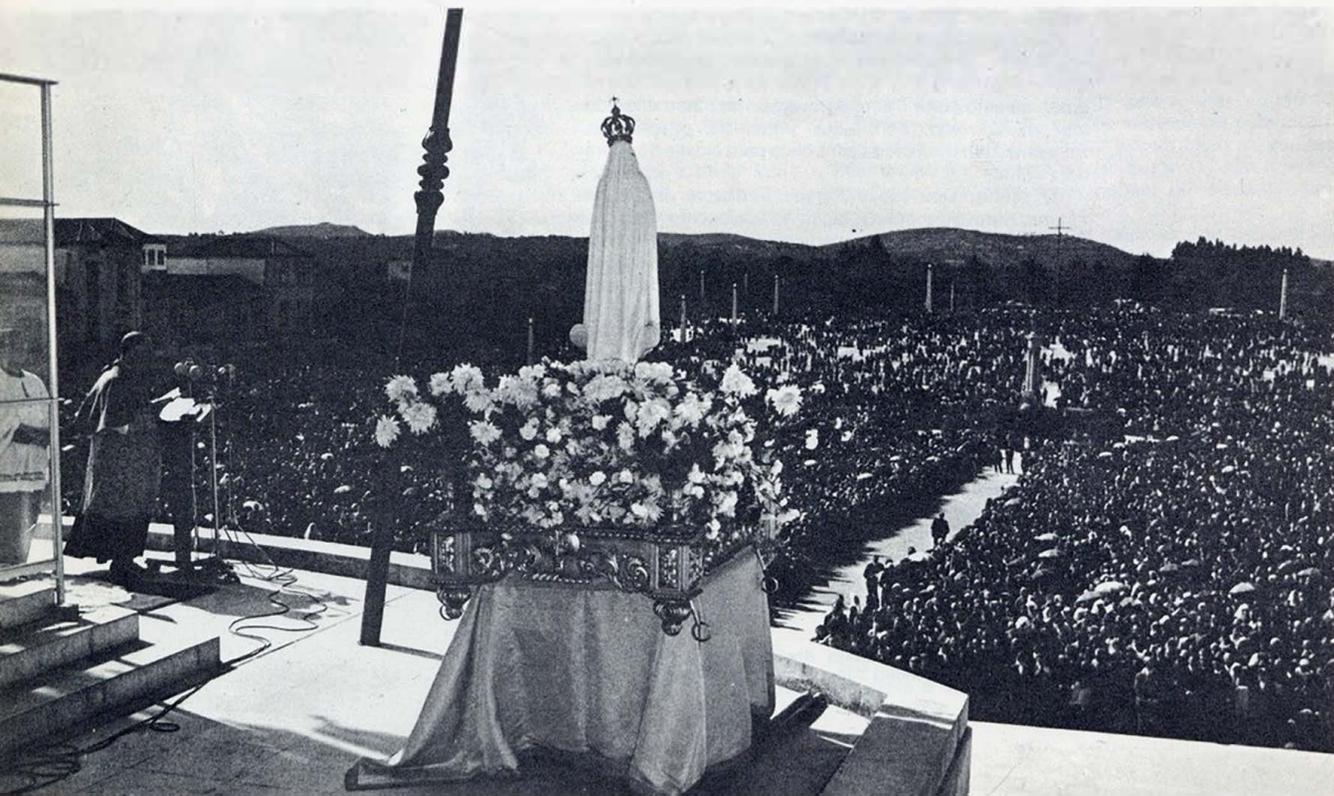
Senhora de Fátima, manifestastes o desejo de que o Mundo se consagrasse ao Vosso Coração para obter a paz. Pois bem: a Diocese — Bispo, Presbitério e Povo de Deus — a Igreja de Bragança e Miranda consagram-se inteiramente ao Vosso Coração Imaculado.

Mãe da Igreja, confiamos à Vossa guarda os Arciprestados, as Paróquias, as Famílias, os Seminários, as Ordens e Congregações Religiosas, os Organismos, Associações e Movimentos de piedade, apostolado e assistência, as actividades profissionais no ensino, no serviço público, na lavoura, no comércio e na indústria.

Medianeira de todas as graças, guiai o Pastor, acompanhai os sacerdotes, encorajai os seminaristas, fortalecei as almas consagradas, esclarecei os leigos, fomentai as vocações sacerdotais, missionárias, religiosas e de vida consagrada no Mundo; dai-nos uma juventude pura e com ideal, defendei a inocência das crianças, fazei brilhar o respeito nos lares e a honestidade na vida pública.

Senhora da Paz, olhai por aqueles que em terras portuguesas do Ultramar defendem a Pátria e as tradições cristãs.

Senhora dos Emigrantes, estai também com aqueles que, fora da sua terra, mourejam na esperança de melhorar o seu nível social.





Senhora dos Remédios, dai aos que sofrem a saúde, a resignação.

Mãe da unidade, conservai unida a Família Diocesana; queremos estar sempre unidos uns aos outros e aos pastores pelo vínculo da caridade, que assim estaremos com a Igreja, com Cristo, com Deus.

Mãe Dolorosa, mostrastes o Coração cercado de espinhos a simbolizar os pecados com que os filhos ingratos pagam as delicadezas do Vosso amor. É intenção nossa reparar-Vos dessas ofensas nossas e alheias.

Mãe querida, prometemos sincera e humildemente melhorar a nossa vida, não ofendendo a Nosso Senhor «que já está muito ofendido» e esmerando-nos na prática da caridade. Queremos manter-nos firmes na fé, esclarecê-la com o estudo, alimentá-la nas fontes da Vida — na oração, no Terço diário e nos Sacramentos — e dar testemunho dela, particularmente neste Ano da Fé, na vida familiar, social e pública.

Coração Imaculado de Maria, pedimo-Vos, finalmente, que façais chegar este nosso acto de entrega, reparação e propósito por Vós aceite e abençoado ao Sagrado Coração de Jesus, para glória da Santíssima Trindade. Amém.

As palavras desta consagração dizem bem dos propósitos com que cerca de 5000 pessoas da Diocese de Bragança, acompanhando o seu Bispo, Dom Manuel de Jesus Pereira, peregrinaram à Cova da Iria para comemorar os cinquenta anos das Aparições, nos dias 12 e 13 de Outubro. Tendo sido adiada para esta altura a peregrinação que estava programada para antes, por motivos de ordem prática, incorporou-se na peregrinação geral do mês, mas foi o seu Prelado quem celebrou a Missa da Peregrinação Geral e deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes.

Os católicos brigantinos que vieram a Fátima e todos os outros que não puderam vir mas os acompanharam em espírito, foram devidamente preparados com duas semanas de pregação em cada uma das freguesias da Diocese, orientada por uma Comissão criada com este fim.

Chegaram durante toda a tarde do dia 12 e, ao fim da mesma concentraram-se para entoar a Salvé Rainha diante da Imagem de Nossa Senhora no local onde apareceu e para, seguidamente, fazerem uma Via-Sacra nas colunatas da Basílica, presidida pelo seu Bispo.

De serra a serra, de um canto ao outro de Portugal, ecoa uma só voz neste ano jubilar das Aparições de Nossa Senhora: Salvé Nobre Padroeira! Avé Maria!

Em Fátima, os principais actos de culto são a Eucaristia: Sacrifício, Comunhão, presença



O SEGREDO DE FÁTIMA

IV—O Conteúdo

Dr. Joaquin Maria Alonso C. M. F.

TERMINAMOS o nosso anterior artigo com dois pontos de interrogação: «O que foi feito do texto manuscrito da Lúcia? Qual é o seu conteúdo?»

A estas perguntas foram já dadas as mais extravagantes respostas. E apresentaram-se, como textos autênticos, alguns que não aguentam o mais superficial exame da crítica. Tais foram, por exemplo, a conferência do Rev. Pe. Fuentes, o texto do semanário AGORA e aquele outro que correu mundo, do audacioso «Die Neue Europa».

Não julguem os nossos leitores que a FÁTIMA-50 lhes venha oferecer umas novas e vazias especulações para pábulo de visionários e de neurópatas. Procuraremos falar-lhes, isso sim, do conteúdo do segredo de Fátima, mesmo da sua terceira parte, não, certamente, para revelar-lhes um texto que não podemos conhecer, nem tão pouco para fomentar uma curiosidade, por muito legítima que fosse, mas simplesmente para seguir as que julgamos ser «intenções divinas» neste processo maravilhoso dos admiráveis factos de Fátima.

O conteúdo do segredo de Fátima forma uma unidade compacta com toda a sua Mensagem. É justamente este o princípio e a chave que conduz à sua compreensão. Mas não queremos antecipar-nos. Antes de apresentar as nossas reflexões, ouçamos as autorizadas palavras de S. Eminência o Cardeal Ottaviani no seu já célebre discurso de 11 de Fevereiro do ano corrente. Oferecemos aos nossos leitores a tradução fiel e quase literal — daí certas expressões que gostaríamos de escrever à nossa maneira de tradutores correctos para o português mas que preferimos deixar com o sabor do idioma original (1) e que foi feita sobre o texto literal italiano captado em fita magnetofónica sob a autoridade e responsabilidade da Pontificia Academia Mariana Internacional de Roma em cuja sede foi pronunciado.

Tomando em consideração as graves advertências do Eminentíssimo Purpurado que os leitores podem ver publicadas a seguir e com o devido relevo, poderemos nós penetrar no conteúdo do segredo?

(1) Nota do tradutor português.



S. E. Cardeal Ottaviani quando esteve em Fátima no dia 13 de Outubro de 1955, caso a que se refere no discurso publicado neste número de "Fátima-50".

DISCURSO PROFERIDO POR S. E. CARDEAL OTTAVIANI

a 11 de Fevereiro de 1967

na Pontificia Academia Mariana Internacional de Roma

Se se trata de um segredo, como posso eu revelar o «segredo»?

De qualquer maneira tratarei de algumas questões circunstanciais acerca do «Segredo de Fátima», como disse muito bem o Rev. Pe. Balic.

A primeira vez que estive em Fátima foi em 1955. Enquanto ia na estrada que me conduzia à Cova da Iria já era edificado pela piedade, pelo espírito de sacrifício e de oração que tantos filhos do povo me davam, caminhando por aquela estrada, carregados com os mantimentos e os objectos indispensáveis para passar a santa noite comemorativa do acontecimento do dia 13 de Outubro de 1917.

E quando, subitamente, cheguei ao alto da Cova da Iria, pareceu-me ter posto os pés na casa da Mãe, pareceu-me sentir a palavra da Mãe que repetia: oração e penitência.

Toda aquela boa gente, milhares e milhares de pessoas que passavam a noite ao relento, em orações e cânticos, em cânticos e orações, enquanto as chamas de milhares de velas pareciam incendiar a grande praça diante da Basílica, toda aquela gente, digo, me deu a autêntica impressão de que compreendia bem o espírito da Mensagem de Fátima.

A Santíssima Virgem, ao colocar o Seu pé virginal na terra da Cova da Iria e destarte santificando-a, na Sua conversa com a pequena Lúcia confiou-lhe três mensagens. Uma dizia respeito à própria Lúcia, aos seus mais íntimos sentimentos familiares, a predição de que o Francisco e a sua irmãzita Jacinta iriam em breve para o Céu. E a profecia verificou-se exactamente em pouco tempo. Ali, na Basílica agora construída na Cova da Iria, à direita e à esquerda do altar-mor, pode ver-se a pedra sepulcral do lugar onde os restos mortais da Jacinta e do Francisco esperam o dia da glória da ressurreição, enquanto as suas almas são felizes no Céu. Quando perguntei à Lúcia que desejava mandar dizer ao Santo Padre, teve um sentimento que me moveu: pensou no Francisco e na sua irmãzinha — «diga ao Papa que faça andar depressa a causa da beatificação».

E espero que o voto da Lúcia seja ouvido o mais depressa possível.

Ali, dizia eu, na Cova da Iria, a gente sente-se como na casa da Mãe, quase que sente a voz da Mãe que repete: oração e penitência.

O Mundo prestou ouvidos à mensagem de Lúcia, aquela mensagem que além da parte privada, familiar e de outra parte que dizia respeito a todo o Mundo — a mensagem que convidava o Mundo inteiro à oração e penitência —, continha uma terceira parte das coisas que a Santíssima Senhora tinha confiado. E esta tinha-a confiado não para ela, Lúcia, não para o Mundo — pelo menos imediatamente — mas para o Vigário de Jesus Cristo.

E Lúcia conservou o segredo. Não falou, apesar de se ter tentado fazê-la falar. Se correm por aí «segredos de Fátima», se se lhe atribuem, não o acrediteis. Lúcia não falou, Lúcia manteve o segredo.

Entretanto, que fez ela para obedecer pontualmente à Santíssima Virgem? Escreveu numa folha, em língua portuguesa, aquilo que a Senhora lhe dissera para dizer ao Santo Padre.

A Mensagem devia ser aberta não antes de 1960. Perguntei a Lúcia porquê — a razão daquela data. E ela respondeu-me: «porque então aparecerá mais claro». O que me fez pensar que aquela mensagem era de tom profético, porque precisamente na profecia, como é costume ler na Sagrada Escritura, existe um véu de mistério. As profecias não estão, geralmente, em linguagem aberta, clara, compreensível por todos. Os exegetas ainda hoje estão a interpretar profecias do Antigo Testamento. E que dizer, por exemplo, das profecias contidas no Apocalipse? Então, disse, em 1960 aparecerá mais claro.

O sobrescrito contento o «Segredo de Fátima» foi entregue ao Bispo de Leiria fechado, e embora Lúcia tivesse dito que ele o poderia ler, não quis lê-lo. Quis respeitar o «segredo» mesmo por reverência ao Sumo Pontífice. Errou-o ao Nuncio Apostólico, o então Mons. Cento e hoje Cardeal, aqui presente, o qual o remeteu fielmente à Congregação da Doutrina de Fé que o tinha pedido, para evitar que uma coisa tão delicada, destinada a não ser dada em pasto ao público, pudesse, por qualquer motivo, mesmo fortuito, chegar a mãos estranhas. Chegou ao segredo; foi levado à Congregação da Doutrina de Fé, e, fechado como estava, foi entregue a João XXIII. O Papa abriu-o; abriu o sobrescrito; leu-o. E, embora em português, disse-me depois que tinha compreendido todo o texto. Depois, ele mesmo meteu o segredo noutro sobrescrito, lacrou-o e meteu-o num daqueles arquivos que são como um poço, no qual cai a carta até ao fundo negro, muito negro, e ninguém vê mais nada. Daqui que seja difícil dizer agora onde esteja o segredo de Fátima.

Mas o que importa, o que deve importar ao Mundo é o conteúdo da Mensagem pública, tornado universal, divulgado por todo o Mundo e, graças a Deus, recolhido com atenção por todo o Mundo. Outra coisa é saber se todo o Mundo o pôs imediatamente em prática segundo os desejos da San-

tíssima Senhora que tinha exortado à oração e à penitência para evitar aquelas sanções que no livro divino da Providência estão previstas para um Mundo que corresponde tão mal à graça do Senhor.

Lúcia, para ser melhor defendida — porque podeis imaginar quantos jornalistas e até quantos bons sacerdotes que tinham vontade de escrever qualquer coisa sobre o «Segredo de Fátima» terão ido importuná-la — retirou-se para um convento: Lúcia foi, neste particular, verdadeiramente edificante: não falou.

Não acrediteis naqueles que dizem ter ouvido isto ou aquilo de Lúcia. Eu que tive a graça e o dom de ler aquilo que é texto do segredo — mas porque estou obrigado ao segredo mantenho secreto — eu é que posso dizer que tudo aquilo que por aí circula — há poucos dias ainda num jornal da província falava-se do texto e dava-se o texto do «Segredo de Fátima» — é fantasia. Podeis estar certos de que o verdadeiro segredo está de tal forma guardado que ninguém lhe pôs os olhos em cima. Portanto não resta outro remédio senão regular-se por aquilo que foi tornado público. A Mensagem pública de Fátima é a que interessa. O «Segredo» interessa só ao Santo Padre a quem era destinado. Ele era o destinatário. E se o destinatário não se decide a dizer: «este é o momento de torná-lo conhecido ao Mundo», devemos deixar à sua sabedoria que isso continue em segredo.

Mas o que interessa, como dizia eu, é que nós saibamos conformar a nossa vida, as nossas acções, a nossa actividade ao que constitui o espírito da Mensagem pública, porque Lúcia foi encarregada não somente de enviar ao Papa a «Mensagem secreta» mas também de publicar e tornar conhecida de toda a gente a Mensagem pública, mensagem que se resume naquelas palavras: oração e penitência.

Era a repetição daquilo que a Senhora já tinha dito em Lourdes. Hoje, que nós estamos ainda a comemorar a festa das aparições de Santíssima Virgem em Lourdes, devemos ler estas duas manifestações da bondade de Maria que, descendo do Céu, pôs o Seu pé virginal sobre a terra para santificá-la e também para fazê-la caminhar pelo melhor caminho, assim devemos procurar fazer com as nossas acções com a nossa oração, com o nosso exemplo, com todas as virtudes cristãs que devemos praticar, mas de modo especial com a oração e com a penitência, contribuindo assim para que a Mensagem de Fátima produza os efeitos para os quais foi enviada ao Mundo.

Também foi posta em evidência a relação existente entre a Mensagem de Fátima e a situação da Igreja em certas regiões, nas quais ela sente o peso das perseguições, onde se luta contra a religião.

Ai está a Mensagem — primeiramente na pública — a Mensagem também da esperança, da conversão e esta pode ser acelerada com as preces de todos os devotos de Nossa Senhora de Fátima.

Sim, neste dia em que celebramos precisamente uma solenidade mariana, a das aparições de Lourdes, devemos voltar-nos para a Imaculada, aparecida em Fátima como em Lourdes, para que Ela conceda ao Mundo a consolação de ver realizados os votos que estão no coração, na mente, na oração, na respiração e nos suspiros de todos os cristãos.

E embora existam ainda perseguições; Países calcados pelos pés dos déspotas, dos perseguidores; regiões imensas semeadas de patibulos, de cruces, de cárceres, cárceres santificadores de tantos mártires, nós devemos ter esperança.

Já uns certos sinais, como auroras — permiti-me esta expressão — de novas situações se começam a desenhar. Talvez eu seja optimista, mas a Santíssima Virgem parece inspirar-me a ter confiança. Se Ela saiu do Céu, santificou com o seu pé virginal a terra de França e de Portugal e tantas outras terras nas quais apareceu, fê-lo para nos encorajar.

LES TORTS DU PERE ROUQUETTE

Esperemos que os sinais que se observam sejam conformes àquela esperança que se pode beber na Mensagem de Fátima, porque se a Senhora apareceu, apareceu certamente para nos dizer que devemos ainda sofrer — como de resto tinha predito os sofrimentos da guerra da qual todos nós fomos testemunhas e vítimas — mas veio também a este Mundo para nos dar esperança.

Ela é a Mãe da confiança. Todos A sabemos invocar como Mãe «tota ratio spei meae, fiducia mea» «razão da minha esperança, minha confiança». Ora bem, já que Ela nos dá esta esperança, oremos para que nos obtenha aquilo que está no coração, no desejo de todos e é que venha depressa o Reino de Cristo «Venha a nós o Vosso Reino»; o Reino de Cristo na paz de Cristo.

Os sinais reveladores que nos servem de indicio da evolução em certos Países, são os sucessos daquele ecumenismo que torna mais fraternais os povos mesmo aqueles que não são católicos, mas se gloriam e muito justamente do nome de cristãos; os sinais do acolhimento de todos às acções do Santo Padre em favor da paz — ainda ontem me falava, naturalmente com as reservas que eu mesmo tenho de observar — de outros ultiores passos recentissimamente dados nestes dias para facilitar a solução do conflito vietnamita.

Se, como digo, todos estes sinais nos são dados para esperar que a Santíssima Virgem neste Cinquentenário dos acontecimentos de Fátima, querará dar qualquer nova esperança ao Mundo cristão, nós temos de dizer: acolhamos este auspício da Santíssima Senhora; apressemos a sua realização com a oração.

E poderemos então dizer o que Nossa Senhora nos diz desde Fátima: «Levantai a vossa cabeça porque se aproxima a vossa redenção».

E a nossa resposta é com este grito: «Fiat! Fiat!».

DESCEU DO CÉU NUM RAIÓ DE LUZ

Um disco «Alvorada» — 33 r/m
Peça da autoria de Alice Ogando, interpretada, entre outros, por: Eunice Muñoz, Mariana Rey Monteiro, Carmen Dolores, Cecília Guimarães, Armando Cortez, João Perry, Assis Pacheco, Álvaro Benamor, etc.
— Cópias em português, inglês e francês.
— À venda nos estabelecimentos do Santuário de Fátima.

LA BELLE DAME VETUE DE LUMIERE

Une pièce basée sur les Apparitions de Fátima par Alice Ogando
Un disque «ALVORADA - Internationals», 33 1/3 r/m
En vente aux magasins du Sanctuaire.

THE LADY CLOTHED IN LIGHT

A play based on the Apparitions in Fátima by Alice Ogando.
L P «ALVORADA - Internationals».
On sale at the shops of the Sanctuary.

Au Révérend Père Rouquette

Revue «Études»

15, rue Monsieur, Paris.

Révérend Père,

J'aimerais, si Vous le permettez, faire quelques remarques à propos de votre article «L'actualité religieuse, Fatima» paru dans «Études» de juillet-août 1967.

— Vous écrivez que «le voyage du Pape à Fatima n'est après tout qu'un modeste épisode dans la vie de l'Eglise». Mais si l'épisode est tellement modeste, pourquoi écrire dans votre revue un article de plusieurs pages sur le sujet?

— Votre présentation de «Signum magnum» ne me paraît pas objective. Bien sûr «le rôle de Marie est entièrement subordonné à celui du Christ», mais en lisant votre texte on a l'impression que le Pape n'insiste pas beaucoup sur l'intercession de Marie. Il déclare cependant que «la coopération (s'exerçant d'abord par l'intercession) de Marie à la naissance et à la croissance de la vie divine en chaque homme racheté fait partie intégrante du mystère du salut des hommes et doit être objet de foi pour tous les chrétiens».

— Les paroles du Pape, vous a fait remarquer votre ami romain, «sont souvent des mises en garde contre les excès de la réforme commencée par le concile, mais ses décisions pour la plupart vont dans le sens de cette réforme». La conjonction «mais» est difficile à interpréter dans ces lignes de votre ami, car, d'une part, décisions dans le sens de la réforme et, d'autre part, mises en garde contre les excès de cette même réforme sont deux attitudes parfaitement cohérentes.

— Paul VI a évité, dites-vous, «de parler des événements qui sont à l'origine du pèlerinage: rien sur les messages de la Vierge...»

C'est exact. Le Pape avait dit cependant le 3 mai dans l'allocution où il annonçait son pèlerinage: «Nous recourons à Celle qui, pour protéger notre monde moderne, a montré son visage maternel, doux et lumineux, aux enfants, aux pauvres et qui a recommandé comme remèdes souverains, la prière et la pénitence». Il y a dans ces paroles du Pape, écrit Gino Concetti dans «L'Osservatore Romano», édition hebdomadaire en français du 25 août 1967, «une allusion évidente aux apparitions de Fatima et au message confié par la Vierge aux trois petits bergers de la Cova da Iria».

— Le Pape n'a fait à Fatima qu'«une brève allusion à l'anniversaire des apparitions et à la consécration du monde au Coeur Immaculé de Marie». Il serait équitable de compléter cette information par l'insistance avec laquelle le Pape parle de la consécration dans «Signum magnum»:

«Puisque cette année tombe le 25ème anniversaire de la consécration solennelle de l'Eglise et du genre humain à Marie, Mère de Dieu, et à son Coeur Immaculé, par notre prédécesseur d'heureuse mémoire Pie XII, le 31 octobre 1942, à l'occasion du radio-message à la nation portugaise — consécration que nous-même avons renouvelée le 21 novembre 1964 —, nous exhortons tous les fils de l'Eglise à renouveler leur consécration personnelle au Coeur Immaculé de la Mère de l'Eglise et à vivre ce très noble acte de culte par une vie toujours plus conforme à la volonté divine, en esprit de filial service et d'attentive imitation de leur céleste Reine».

— Le Pape a «refusé de recevoir en privé la seule survivante des voyants, Soeur Lucie». Il a néanmoins accepté qu'elle sorte de la clôture de son couvent pour venir à Fatima le 13 mai et il l'a présentée à la foule. Certains affirment même qu'il lui a intimé l'ordre de se rendre à Fatima.

— «Aucune étude sérieuse n'a été consacrée aux événements de Fatima, analogue à celles de Louis Bassette sur La Salette ou de l'Abbé Laurentin sur Lourdes». N'aurait-il pas été utile de signaler que Monseigneur Venâncio, évêque de Leiria-Fatima, dans une lettre pastorale sur les apparitions, a dit son intention précisément de promouvoir l'étude critique des événements de Fatima et que le Cardinal Cerejeira, dans une conférence prononcée à Rome le 11 février de cette année («Acta pontificiae academiae marianae internationalis, 4, p. 41»), a assuré qu'on écrit en ce moment l'histoire critique de Fatima? Le patriarche de Lisbonne a affirmé en même temps sa conviction que les révélations de Lucie en 1942 ne sont pas «le produit d'un processus psychologique d'évolution». Il est revenu sur ce problème à Fatima, lors du congrès marial, auquel j'ai participé. Je puis garantir que l'Abbé Richard dans «L'Homme nouveau» du 3 septembre rapporte exactement ce qu'a dit le Cardinal Cerejeira:

«En ce qui concerne directement l'événement de Fatima, la première parole du Cardinal Cerejeira, patriarche de Lisbonne et représentant personnel du Pape au congrès, fut une déclaration extrêmement significative. Il s'est élevé avec autant de clarté que de force contre la position d'une certaine critique qui a voulu discerner et séparer deux périodes dans l'histoire de Fatima: la période ancienne — celle de 1917 — dont les témoins furent les trois petits voyants, et la nouvelle histoire de Fatima, fondée uniquement sur le témoignage tardif de la survivante, Soeur Lucie. Ces doutes de la critique reposaient seulement sur l'ignorance des documents qui mettent en lumière la continuité absolue de l'événement de Fatima. Son unité est profonde, indéniable, intégrale. Tout était contenu déjà plus qu'en germe dans le Fatima vécu en 1917 par les trois enfants. Seule la manifestation fut progressive, comme le démontrera l'étude critique préparée par le Père Alonso».

— «L'on est fondé à penser que la voyante de Fatima a été plus ou moins influencée la connaissance qu'elle avait des événements de La Salette». Sûrement pas la voyante en 1917. La voyante en 1942? Mais quel est le fondement de pareille conjecture? D'autant plus que la critique n'est pas d'accord quant aux influences qui se seraient exercées sur Lucie. Dans la revue belge «Médiatrice et Reine» (janvier 1967, p. 209), le Père Hechtermans S. M. M. a tenté de montrer que Lucie a subi l'influence de la lecture du prophète Daniel.

— «Lucie aurait prédit la fin de la première guerre mondiale pour le 13 octobre 1917». D'après le livre «Témoignages sur les apparitions de Fatima» du Père Simonin, p. 215, «au cours des interrogatoires des enfants, le 13 octobre, aussi bien Jacinthe que Lucie avaient affirmé avoir entendu, des lèvres de la Vierge, ces paroles: «la guerre finit aujourd'hui...» Il ne serait donc pas question d'une prophétie de Lucie, mais d'une transmission de paroles de la Vierge, qui font assurément difficulté (cf. «Témoignages sur les apparitions de Fatima», pp. 215 et sv).

— «Lucie aurait prédit la consécration de la seule Russie au Coeur Immaculé de Marie, ce qui a été prudemment réalisé par la consécration du monde entier». Comme dans le cas précédent, il ne s'agit pas à proprement parler d'une

prophétie de Lucie, mais d'une transmission de paroles prononcées par la Vierge le 13 juillet 1917: «... je viendrai demander la consécration de la Russie à mon Coeur Immaculé... Le Saint-Père me consacra la Russie...» Cette consécration de la Russie au Coeur Immaculé a été faite de manière explicite par Pie XII dans la Lettre apostolique aux peuples de Russie «Sacro vergente anno» du 7 juillet («Acta Apostolicae Sedis» du 4 août 1952, pp. 505 à 511):

«... de même qu'il y a peu d'années nous avons consacré (consecravimus) le genre humain tout entier au Coeur Immaculé de la Vierge Mère de Dieu, de même aujourd'hui nous vouons et consacrons (dedicamus et consecramus) de manière très spéciale tous les peuples de Russie à ce même Coeur Immaculé...»

Dans le cas de la consécration de la Russie au Coeur Immaculé, une rectification dans «Études» semble s'imposer. — «Lucie aurait prévu que la Russie se convertirait avant la fin de la guerre». Je ne connais pas de livre sur Fatima affirmant cela. On comprend mal d'ailleurs comment Lucie aurait pu parler de la fin de la guerre pour de 13 octobre 1917 et prédire la conversion de la Russie avant cette date.

— Le texte relatif au miracle du 13 octobre n'est pas clair. «Ce phénomène semble gratuit, on ne voit pas quel but il peut avoir». Mais la Vierge a donné le 19 août une explication toute simple: «en octobre je ferai un miracle pour que tous croient à mes apparitions». Cette explication a été répétée lors de l'apparition du 13 septembre.

— «Nous sommes gênés par les manifestations de piété populaire que suscite le message de Fatima: une piété réduite au chapelet, des exercices spectaculaires de pénitence que nous avons la tentation de comparer à ceux des pèlerinages du Gange. Une foi ardente qui ne laisse pas de sembler superstitieuse ou au moins singulièrement dépourvue de contenu exprimable». La «tentation» de comparer aux pèlerinages de l'Inde ne semble pas très oecuménique. Pourquoi ne pourrait-on rencontrer sur les rives du Gange et à Fatima des pèlerins dont les exercices de pénitence appartiendraient au fonds universel du sentiment religieux? Pourquoi jeter le discrédit à la fois sur le Gange et sur Fatima? La comparaison éventuelle entre l'un et l'autre n'est nullement une tentation. Quoi qu'il en soit de la valeur de pareille comparaison, qui a vu un pèlerinage à Fatima les 12 et 13 du mois n'a aucun désir d'en minimiser la signification pénitentielle. Devant ce «spectacle» s'imposent émotion et respect. Quant à la piété réduite au chapelet, il n'en est rien à Fatima. Le sommet du pèlerinage est l'Eucharistie: sacrifice, sacrement, présence. La pénitence spectaculaire accompagne la pénitence sacramentelle. On se confesse beaucoup à Fatima, on y revient à Dieu, j'en ai été le témoin bouleversé.

Je prendrai la liberté, Révérend Père, de communiquer le texte de cette lettre à diverses personnes qui, je pense, y trouveront quelque intérêt. Veuillez accepter, je Vous prie, l'expression de mes sentiments respectueusement et religieusement dévoués en N. S. et N. D.

Léon Vanderghyest, O. P.

«PONME JUNTO A TU HIJO»

A ESTÁTUA DE SANTO INÁCIO DE LOIOLA
É INAUGURADA NA COLUNATA DO SANTUÁRIO



Parafraçando as palavras castelhanas em epígrafe, típica expressão de Santo Inácio de Loiola que dessa maneira manifestava qual a missão da Santíssima Virgem para com os Seus filhos da Terra, o Revdmo. Padre Carvalhais, Provincial dos Jesuítas Portugueses, explicou o sentido da cerimónia que se realizava naquele dia 27 de Setembro junto à ala esquerda da colunata do Santuário sobre a qual mais uma estátua tomara lugar entre as já existentes, desta vez a do santo fundador da Companhia de Jesus.

Também o Revdmo. Geral da Companhia, Padre, Arrupe, quis associar-se à inauguração desta estátua, embora de longe, por impossibilidade absoluta de se deslocar na ocasião a Fátima, enviando uma carta que foi lida publicamente e na qual dizia, entre mais, o seguinte: «A estátua do nosso Santo Fundador que tão filialmente viestes colocar aos pés da Virgem Senhora de Fátima, afirma para sempre a presença da vossa Província e da Companhia inteira junto da gloriosa Mãe de Deus e vos serve de novo estímulo para serdes cada vez melhores Jesuítas porque mais devotos de Maria.»

O Eminentíssimo Senhor Cardeal José Bueno Monreal, Arcebispo de Sevilha, que viera presidir a uma peregrinação da sua Arquidiocese, benzeu a nova estátua, tendo antes proferido uma alocução vibrante em que explicou a razão de estarem as imagens dos Santos, especialmente dos Santos Fundadores a rodear o Santuário de Nossa Senhora, porque eles são como que os guarda-avançados da Igreja e os primeiros arautos da glória de Deus e da devoção à Virgem Maria e que, se aqui não estivesse a estátua de Santo Inácio, essa guarda nobre estaria incompleta, não só por Santo Inácio ter sido uma dos maiores paladinos da Igreja Católica como também um fervoroso e apaixonado devoto de Nossa Senhora.

Antes, na Basílica, o senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria concelebrou com mais 26 sacerdotes da Companhia de Jesus, sendo acolitado pelos Provinciais de Portugal e de Toledo, Revdo. P.e Luiz Gonzalez, Presidente da Confederação Nacional dos Religiosos de Espanha e proferiu uma alocução na altura do Evangelho, na qual pôs de relevo o esforço missionário, apostólico dos Padres da Companhia de Jesus, sempre na vanguarda da Igreja Católica.

Assistiram às cerimónias da inauguração todos os Superiores das Casas Religiosas da Companhia de Jesus em Portugal, muitíssimos membros da Companhia, tanto portugueses como espanhóis, pois também estes contribuíram para a aquisição da estátua do Fundador, bem como o Provincial de Leão que se juntou aos dois já referidos. Presentes também representantes dos Institutos Religiosos com residência em Fátima e muitos outros convidados, especialmente os antigos alunos da Companhia que, na pessoa do sr. Prof. Eng. Francisco Caldeira Cabral, manifestaram a sua fidelidade aos princípios aprendidos nas escolas da Companhia e disse serem uma força no Mundo, constituída por uma Associação de mais de 500 000 Antigos Alunos. Os participantes na Semana Gregoriana que então se celebrava em Fátima, encarregaram-se da parte coral de todas as cerimónias da inauguração.



Eng. Prof. Francisco Caldeira Cabral



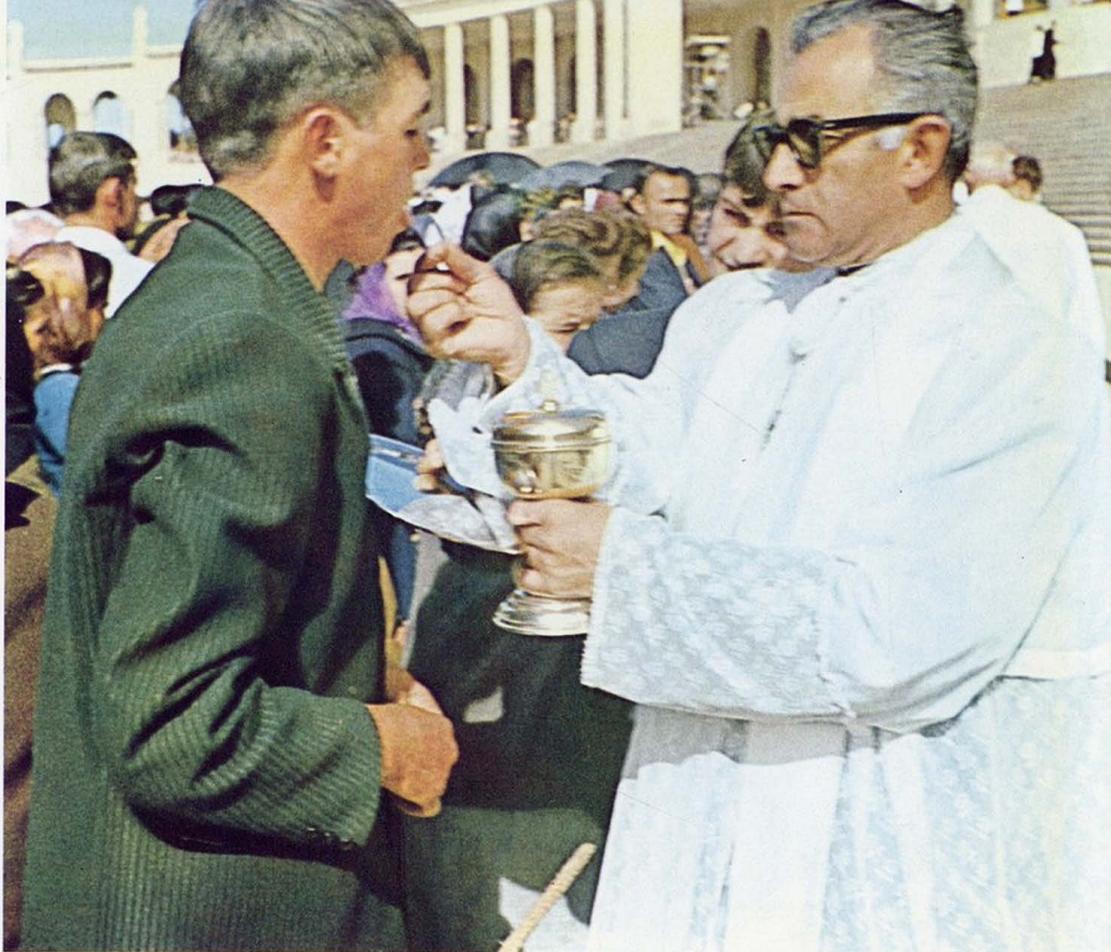
Aspecto dos assistentes à inauguração da estátua do Fundador da Companhia de Jesus



S. Ex.ª Cardeal Bueno Monreal, Arcebispo de Sevilha, benze a imagem



- À esquerda :
Benção dos doentes — Oficiante
Ex.^o Reverendíssima Senhor
Bispo de Bragança.
- À direita :
Comunhão dos fiéis.
- Em baixo à esquerda :
Aspecto parcial da multidão de
300.000 peregrinos.
- Em baixo, à direita :
Desfile de Bandeiras de todo o
Mundo.





Rev. Dr. Raul de Almeida Rolo, Provincial dos Dominicanos Portugueses, proferindo a sua homilia

Ex.^o Revd^{ma}. D. João Pereira Venâncio, Provincial dos Dominicanos e Frei Luis Cerdeira Promotor Nacional do Rosário, acompanham a procissão



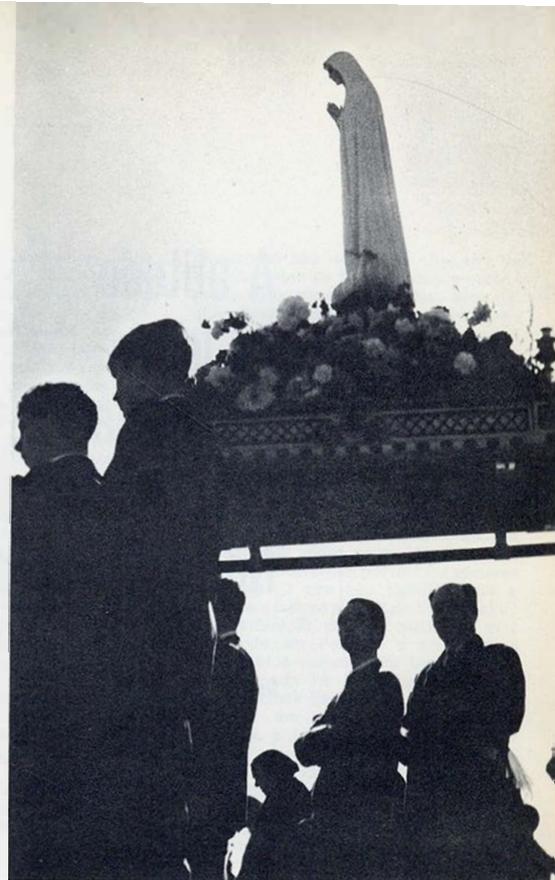
PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL DO ROSÁRIO

Mais de 15 000 peregrinos vindos de vários pontos do País, aos quais se juntaram representações das fraternidades dominicanas da França e da Espanha, concretamente de Valência e de Barcelona, estiveram em Fátima nos dias 7 e 8 de Outubro, integrados na Peregrinação organizada pelo Secretariado Nacional do Rosário de que são responsáveis os Padres da Ordem dos Pregadores ou Dominicanos. As cerimónias do dia 7 foram presididas pelo senhor Bispo Auxiliar de Leiria Dom Domingos de Pinho Brandão que, à noite, pregou a Hora Santa. Os peregrinos, tendo-se concentrado na Cruz Alta, dirigiram-se processionalmente à Capelinha das Aparições onde ouviram o Promotor Nacional do Rosário, Frei Luís Cerdeira que os saudou e indicou a finalidade da peregrinação.

No dia 8 presidiu às cerimónias o Prelado da Diocese, Dom João Pereira Venâncio. Pelas 7 horas da manhã os sacerdotes dominicanos portugueses e espanhóis presentes concelebraram. Efectuou-se uma outra concelebração a meio da manhã, presidida pelo Provincial dos Dominicanos portugueses, Rev. Dr. Raul de Almeida Rolo e concelebrada por mais onze sacerdotes. Ao Evangelho o Rev. Provincial pregou sobre a devoção do Rosário tão insistentemente recomendada por Nossa Senhora em todas as Suas Aparições. Após a Missa o mesmo sacerdote leu a consagração da Província Portuguesa da Ordem de São Domingos, grande propagandista do Rosário, no seu tempo, ao Imaculado Coração de Maria.

Na procissão com a imagem de Nossa Senhora incorporaram-se os referidos Prelados, o Provincial e todos os Priores e Superiores dos Conventos e

Na última semana de Setembro realizou-se em Fátima mais uma «Semana de Canto Gregoriano» organizada por D. Júlia Almen-
dra. Grupo de assistentes



Estudantes Dominicanos transportam o andor de Nossa Senhora

Seminários da Ordem de Lisboa, Porto, Aldeia Nova e Fátima, bem assim como muitos outros sacerdotes e milhares de fiéis, transportando os estandartes das fraternidades dominicanas.



A atitude da Igreja perante as aparições de Nossa Senhora

Rev. I. Ortiz Urbina

CERTO dia umas crianças comunicaram, sobressaltadas, que lhes apareceu, no campo, uma formosa Senhora que os convidou a rezar pelos pecadores. O anúncio provoca agitação no povo fiel. Curiosos e devotos, cada vez mais numerosos, acodem ao lugar onde dizem ter a Virgem falado aos pequenos videntes. A seguir é a Igreja que intervem para emitir o seu juízo sobre os factos. O sacerdote da terra põe o seu Bispo ao corrente dos acontecimentos e este abre um inquérito e inicia um processo informativo. Na maioria dos casos a sentença sobre as aparições dá-se apenas na Cúria diocesana. Noutras ocasiões intervem um grupo de Bispos, como quando a Hierarquia da Sicília sentenciou favoravelmente sobre o carácter sobrenatural das lágrimas vertidas diante de um comunista por uma imagem da Virgem em Siracusa. Algumas vezes a aprovação ultrapassa o nível local para chegar até à Santa Sé. Tal o caso da Milagrosa, com uma Missa num Calendário especial, o de Lourdes com Missa própria para toda a Igreja Latina, o de Fátima confirmado com o envio de Cardeais Legados, a Rosa de Ouro e, ultimamente, excepcionalmente honrada com a peregrinação pessoal e maravilhosa de Paulo VI.

A atitude da Igreja ante o anúncio das aparições é cauta e, por conseguinte, lenta. É preciso examinar e compulsar tudo. As aparições de Lourdes deram-se em 1858. O culto da Virgem sob essa advocação foi aprovado em 18 de Janeiro de 1862. A Virgem apareceu em La Salette em fins de 1846.

A sua aprovação, depois de um processo canónico, teve lugar em 1851. Conhecido é que aqui mesmo, em Fátima, só em 1930, 13 anos após as aparições de Nossa Senhora, o Senhor Bispo de Leiria deu autorização para se construir a igreja que é hoje a meta de incessantes peregrinações do Mundo inteiro.

Esta prudente lentidão para admitir o ouro e rejeitar o ouropel, é muito oportuna, sobretudo nestes últimos tempos em que, porventura, a psicose da guerra e do pós-guerra multiplicou as falsas aparições. Só nestes últimos 25 anos se falou de quase 30 visões da Virgem, na sua maioria falsas ou, pelo menos, incertas.

A esta série pode acrescentar-se ainda a lacrimação da Virgem em Siracusa e os recentes casos de São Miguel de Garabandal, estes últimos declarados desprovidos de carácter sobrenatural em dois decretos episcopais. O balanço final é: entre 29 casos de 3 ou 4 apenas consta ter havido intervenção milagrosa da Virgem Maria. Dezanove são falsas aparições e os outros cinco ou seis não foram objecto de sentença ou estão ainda a ser examinados.

SUA Eminência o Cardeal Ottaviani escreveu: «É um direito e um dever do magistério da Igreja emitir juízo sobre a verdade e a natureza dos factos e revelações que se afirmam ser efeito de uma intervenção especial de Deus. «A matéria das aparições e milagres, por serem fenómenos sobrenaturais, é da exclusiva competência da Igreja. Exerce-a examinando previamente, de acordo com as clássicas normas de Bento XIV — esses três factores que ordinariamente intervem nas visões marianas: as pessoas videntes, o próprio facto e os seus sinais, e a mensagem que quase sempre o acompanham. O processo diocesano dá lugar a interrogatórios dos que afirmam ter visto Nossa Senhora. É importante comprovar as suas qualidades naturais, instrução, psicologia, bem como os dotes sobrenaturais, virtudes, antecedentes religiosos. Acredita-se mais facilmente numa pessoa muito virtuosa do que numa volúvel; numa pessoa simples e sensata do que numa com taras hereditárias ou exaltada.

O próprio fenómeno da aparição deve ser objecto de estudo cuidadoso. Há-de começar-se por estabelecer cientificamente a verdade daquele facto na sua realidade física para deduzir a sua natureza sobrenatural. Com frequência há testemunhas do êxtase ou arrebatamento em que caíram os videntes. Também algumas vezes uma fita cinematográfica da atitude dos «Videntes» tem sido suficiente para descobrir a sua hipocrisia ou engano. Quase sempre, nas verdadeiras aparições há qualquer sinal milagroso, acessível a todos ou a muitos, que serve de prova ou penhor. Assim o fenómeno solar, a fonte milagrosa em Lourdes, as análises positivas feitas às lágrimas em Siracusa ou os rastros físicos deixados pela aparição na rua de Bac em Paris.

Não menor atenção merece a mensagem confiada pela Virgem aos videntes. Deve verificar-se se está de acordo com o dogma da Igreja, com as suas doutrinas comuns; se não contradiz as normas da pastoría, da prudência e do senso comum.

É mais fácil admitir a mensagem que vem confirmar a doutrina da Igreja: tal aquela frase da Virgem em Lourdes e que Bernardette repetiu sem entender completamente: «Eu Sou a Imaculada Conceição» dita quatro anos depois da definição do dogma mariano. Não existe qualquer dificuldade em compreender que a Virgem, Nossa Mãe, peça penitência e orações especiais pela conversão dos pecadores, recomendando a reza do Terço.

A sentença da Igreja pode fazer-se esperar alguns anos, durante os quais seria perigoso que os fiéis formassem um juízo definitivo num ou noutro sentido. Neste intervalo de tempo as autoridades eclesásticas não costumam autorizar o culto público no lugar das aparições, nem cumprir, nos seus portadores, a mensagem mariana como seria uma concreta Consagração ao Imaculado Coração de Maria.

FINALMENTE torna-se pública a sentença que nunca é infalível mas susceptível de modificação e tem apenas o peso de uma certeza moral. No caso das aparições e no dos milagres, o que os afirma deve prová-los com argumentos claros e convincentes, não o que os nega. Por isso, quando a Igreja sentença que tais factos não têm carácter sobrenatural, afirma com esse juízo que não se deu uma verdadeira aparição, que tudo foi uma ilusão ou um engano. E como é oportuno que um juízo a tempo elimine da piedade católica essas fábulas que imediatamente se converteriam em fontes de superstição e de aberrações colectivas!

Quando consta às Autoridades eclesásticas, depois de maduro exame, que é moralmente certa e aceitável a aparição da Virgem, não se dá o caso de tomar uma posição de cepticismo sistemático, antes se autoriza o culto público, a construção de um santuário sob essa invocação especial e organiza-se a verificação séria das possíveis curas e milagres que possam dar-se sucessivamente.

Assim tem sido em Lourdes e em Fátima.

Neste juízo positivo as verdadeiras aparições não são equiparadas a um dogma de fé. Vários Papas e os numerosos teólogos que têm tratado deste assunto insistem em que estas revelações privadas não equivalem à Revelação que se fechou com o último dos Apóstolos. Só esta obriga a admiti-la com fé divina, enquanto que a Igreja não impõe a fé divina nestas aparições marianas e nas suas respectivas mensagens. Por isso, nestas sentenças positivas não entra em jogo a infalibilidade do magistério eclesiástico depositário da Revelação. É bom tornar explícitos estes limites e fazer estas ressalvas, embora seja, hoje, frequente insistir excessivamente neste aspecto negativo das verdadeiras aparições. Algumas expressões pretendem fazer crer que a Igreja permite a devoção à Virgem em Fátima e em Lourdes, pelo facto de essas aparições serem plausíveis e nada haver nas suas mensagens que se oponha ao sentido cristão. Parece vislumbrar-se alguns escritores um certo desdém e prevenção contra as aparições e são eles os que principalmente insistem em que não há nenhuma obrigação de nelas acreditar. Esta alergia às aparições

marianas, mesmo às aprovadas pela autoridade eclesiástica, exagera quando afirma que a Igreja se limita a permitir o culto mariano naqueles santuários: uma simples luz verde para a passagem dos peregrinos. A realidade não está de acordo com estas afirmações. Porventura não são frequentes as peregrinações aos santuários de Lourdes e Fátima organizadas e presididas pelos próprios Pastores da Igreja? Porventura não se converteram estes templos em centros excepcionais de penitência, de oração litúrgica, de culto eucarístico, de aproximação ecuménica? Não temos nós a maravilhosa peregrinação de Paulo VI a Fátima dando aso à mais numerosa concentração na história do povo cristão e isso aos pés de Nossa Senhora? Isto é alguma coisa mais do que permitir. Isto é animar e exortar com as palavras e com o exemplo. A mentalidade dos que nutrem prevenções gerais contra as aparições parece ignorar que as visões marianas e suas mensagens pertencem não tanto ao campo dogmático como ao pastoral. Não se nos oferecerem novos artigos de fé mas incita-se-nos com eficácia a fundar-nos nos já revelados para renovar o espírito cristão e sacudir o letargo das almas túbias. Embora se trate de revelações privadas, é evidente que elas se difundam no Corpo da Igreja para bem de muitos. A este propósito, escreve certamente um famoso teólogo: «Estas revelações privadas não se relacionam unicamente com a vida espiritual de um particular, mas, ainda que sejam muito privadas, dirigem-se, por meio do beneficiário directo, à Igreja ou a uma grande parte da Igreja: revelações privadas que representam uma devoção, exortam à penitência, comunicam certas instruções, põem de sobreaviso contra certas doutrinas, recomendam um ensino espiritual ou um género de espiritualidade, etc.

AO longo da história da Igreja tem havido revelações deste género que certamente exerceram uma importante influência.

O Espírito Santo não se limitou a intervir nas origens da Igreja inspirando a Revelação e dando ao organismo eclesial a sua estrutura essencial, as suas fontes de vida e a sua prodigiosa expansão. Em todos os momentos da história o mesmo Espírito assiste à Sua Igreja para dirigi-la por caminhos difíceis. Muitas vezes inspira luzes e iniciativas à Hierarquia como quando esta declara dogmas, antes não suficientemente conhecidos, ou celebra Concílios Ecuménicos para a renovação do espírito cristão e a adaptação do apostolado aos tempos actuais, mas muitas outras vezes o Espírito Santo ilumina e move os simples fiéis para promover o bem da Igreja. Basta recordar como nascem e se desenvolvem os institutos religiosos cujos Fundadores e Fundadoras pertencem ao povo fiel, já que, segundo a história, a Hierarquia quase nunca tomou a iniciativa de fundar ou impor determinadas famílias religiosas. E quem ignora o bem imenso que para a Igreja têm suposto e continuam a supor os religiosos e religiosas que o Espírito Santo tem feito florescer actuando nas almas virtuosas do povo de Deus? Que influência não tiveram na reforma da Igreja a pobreza de São Francisco de Assis, a

actividade de Santa Catarina de Sena, o ardor missionário de São Francisco Xavier, de São João Bosco? Com suprema autoridade o Concílio Ecuménico Vaticano II reconhece no seu Decreto «*Perfectae Caritatis*»: por designio divino se tem criado uma maravilhosa variedade de comunidades religiosas que muito têm contribuído para que a Igreja não só se tenha tornado apta para todas as boas obras e se tenha preparado para o seu ministério na edificação no Corpo de Cristo, mas também, mediante a variedade dos dons dos seus filhos apareça como uma esposa adornada para o seu esposo e por meio dela se manifeste a multiforme sabedoria de Deus». O Concílio atribui tal importância aos Institutos fundados por iniciativa privada e marcados depois pela aprovação da Igreja. São dons de Deus que sem se referirem em nada ao dogma nem pertencer às estruturas essenciais da Igreja, de tal modo a beneficiaram que constituem o seu tesouro.

Neste mesmo terreno do interesse pastoral nos devemos colocar, segundo o meu modo de ver, para ajuizar como se deve as aparições marianas. São um dom extraordinário que a Igreja, naturalmente, quer aproveitar, para o seu evangélico ministério.

LIMITAR-ME-EL, agora, a analisar os valores positivos das verdadeiras aparições garantidas pela sentença positiva da Igreja. E é ocioso para o novo caso inquirir se se trata de uma verdadeira presença da Virgem segundo a teoria suareziana e bastante comum da possível bilocação de um corpo, ou só de uma intervenção sobrenatural e extraordinária da Virgem nos sentidos, na imaginação ou na inteligência dos «*Videntes*», já que se poderia tratar de qualquer desses casos. O inegável é a intervenção de Nossa Senhora que, deixando-se ver, comunica os Seus desejos.

As aparições da Virgem são uma intervenção extraordinária e carismática do Céu a favor da Sua Igreja; juntamente com os milagres, confirmam de um modo constante e face às presentes gerações, o seu carácter divino. À margem do facto de muitas vezes os prodígios acompanharem as aparições, elas por si só têm essa índole de intervenção portentosa do sobrenatural e por isso mesmo constituem um bom argumento apologético a favor da Igreja. Por quê estranhar, por conseguinte, que em épocas em que a fé sofre mais perseguições se multipliquem as aparições da Santíssima Virgem? Estranhar que quando o naturalismo e a corrupção moral contaminam gravemente a humanidade se torne patente a figura sem mancha d'Aquela que venceu o dragão infernal e foi isenta de todo o pecado? As aparições marianas são como que um céu a abrir-se para que através dessas torrentes de luz a Igreja vislumbre o Reino Celestial ao qual se aproxima na sua peregrinação terrestre. As mensagens, que quase sempre vêm unidas às visões marianas, são um estímulo extraordinário, efficacíssimo na ordem pastoral, perfeitamente de acordo com as necessidades e conveniências da comunidade cristã nos nossos tempos, como são exortações à penitência, à oração assídua pela conversão dos pecadores. Estas

mensagens são uma forte chamada de atenção sobre os funestos danos provocados pelo pecado nesta luta sem par que constantemente se trava na Igreja contra as potências do inferno. Assim, a Virgem, Mãe da Igreja, intervém amorosamente em seu favor aconselhando, prevenindo, exortando com palavras que, sem descobrir qualquer novo dogma, estão copiadas do Evangelho e servem estupendamente para acordar consciências adormecidas.

Daí que os santuários marianos, pregoiros das aparições e difusores das mensagens marianas, sejam nos nossos dias focos de extraordinária vitalidade eclesial cuja acção se vai dilatando em círculos concêntricos por amplos sectores da Igreja. O que não significa para a França e a Europa a gruta de Massabielle? Que renovação de vida cristã não está exercendo em Portugal e em quantos peregrinos a visitam, esta bendita Cova da Iria onde há 50 anos desceu do Céu a Branca Senhora?

E se em redor destes santuários marianos a fé se consolida, a oração arde, as almas se unem pela comunhão ao Sacrifício Eucarístico em imponentes manifestações colectivas de fé, de povo de Deus, não é verdade que os videntes marianos, ao despertar todo este fundado entusiasmo e religiosidade, cumpriram uma espécie de ofício ou carisma profético segundo a descrição de São Paulo (I Cor. 1,5). «O que faz o ofício de profeta fala com os homens para edificação, para exortá-los e consolá-los?» Não creio temerário afirmar que essas visões marianas e as suas respectivas mensagens são uma autêntica manifestação de profetismo na Igreja.

PARA compreender melhor as aparições modernas da Virgem devem enquadrar-se, no meu entender, em todo esse florescimento de sinais sobrenaturais que desde meados do século passado deram origem ao que justamente se tem chamado «*Era Mariana*».

São as definições dos privilégios marianos feitas por Pio IX e Pio XII. São as incontáveis famílias religiosas que nasceram com um título consagrado a Maria. É a imponente e crescente produção mariológica das novas escolas teológicas. É o capítulo VII dedicado pelo Concílio Ecuménico ao apresentar-nos na «*Lumen Gentium*» a figura da Mãe de Cristo nas Suas Íntimas relações com a Igreja. É a proclamação de Maria como Mãe da Igreja feita por Paulo VI ante Aquela mesma que ouviu dos lábios de Pio XII a exaltação da Sua dignidade régia.

Ora bem, estímulo de todo este fervor mariano e de todas estas iniciativas em honra de Nossa Senhora, são cabalmente as Suas aparições autênticas e aprovadas pela Igreja em La Salette, Lourdes, Fátima.

A Igreja que vive a «*Era Mariana*» para imenso e evidente benefício dos seus filhos, não pode deixar de agradecer as carismáticas aparições da Virgem, de estimá-las pelo que significam, de induzir com frequência os seus fiéis, embora com simples exortações, a buscar nesses santuários taumatúrgicos de Maria o amparo da sua fé e a orientação evangélica das grandes massas frente ao confusão moderno e ao multi-forme ateísmo dos nossos dias.



Os peregrinos do Mundo inteiro continuam a afluir ao Santuário de Fátima, atraídos pelo ambiente de paz que aqui se respira, ambiente de paz que é igualmente uma promessa para o Mundo angustiado e desejoso de paz entre todos os homens. Assim é natural que se note, entre todos, uma presença numerosa, apesar da distância, dos cristãos do Vietname, por exemplo, o que não significa que Fátima seja uma solução concreta de paz para este ou aquele conflito senão uma solução de paz para todos os homens e para todas as Nações que queiram escutar a sua mensagem de paz traduzida pelas duas palavras sagradas de penitência e oração.

Foi assim que, uma vez mais, e com motivo da peregrinação internacional de Outubro — as peregrinações dos dias 13 de cada mês deixaram de ser apenas peregrinações nacionais para se transformarem, espontaneamente, em internacionais e ecuménicas — uma numerosa representação de vietnamitas, 140, entre os quais numerosos sacerdotes,

esteve no Santuário de Fátima a implorar a Nossa Senhora o dom da paz para o seu País. Transportando bandeiras nacionais e estandartes de associações religiosas da sua terra, participaram em todas as cerimónias litúrgicas e para-litúrgicas da peregrinação e, ao final, durante a Procissão do Adeus, alguns sacerdotes e leigos daquela Nação mártir transportaram o andor de Nossa Senhora de Fátima. A sua presença na Cova da Iria é sempre muito estimada pois dão um exemplo magnífico de fé e de piedade a quantos aqui vêm rezar.

No entanto, o maior número de peregrinos estrangeiros é constituído pelos nossos vizinhos espanhóis, de tal maneira que quase diariamente se pode dizer que se fala em Fátima tanto português como castelhano. Vêm de todos os pontos da Espanha, mesmo das mais longínquas cidades, fazendo o percurso geralmente em autocarros ou em automóveis ligeiros nos quais se pode ver a procedência pela matrícula. Barcelona dá-nos a impressão de marcar uma posição adiantada neste desfile de espanhóis, talvez logo seguidos pelos gaditanos (de Cádiz), sevilhanos e, quem o poderia adivinhar, santanderinos. Já não causa tanta estranheza a vinda constante dos mais próximos da fronteira, Badajoz sobretudo e Galiza, desta província também em grande número. Quase todas as noites, na Capelinha das Aparições se pode acompanhar o Terço rezado em coro por um grupo mais ou menos numeroso de vizinhos nossos, acompanhados sempre por alguns sacerdotes e religiosos de diversas congregações.

Logo depois dos espanhóis devem vir os alemães e os franceses. Da Alemanha têm vindo numerosas peregrinações de grupos constituídos por membros do laicado católico daquele País retalhado mas forte e firme na sua fé e piedade mariana. Deve-se, porventura, aos Padres da Sociedade do Verbo Divino a organização da maior parte destas peregrinações. Também eles enchem com o seu idioma as ruas, hotéis e lojas da Cova da Iria e fazem ecoar no recinto sagrado as suas orações e cânticos. A sua composição e piedade séria são notáveis. Por vezes realizam



Os peregrinos de Sevilha com o seu Prelado, Cardeal Bueno Monreal

a sua procissão especial com a imagem de Nossa Senhora, como a peregrinação de Stuttgart do dia 16 de Outubro. A mais numerosa destas peregrinações veio, porém, no dia 12 de Outubro para associar-se à peregrinação geral de 13, constituída por indivíduos de várias localidades da Alemanha, em número de 460, trazida igualmente pelos Sacerdotes do Verbo Divino que a acompanharam em número de 20.

Os franceses não ficam atrás dos alemães, embora, fora dos dias das grandes peregrinações não se notem como grupos muito numerosos, antes como pequenos grupos ou peregrinações familiares, geralmente vindos em automóveis ligeiros e também de todos os pontos do País galo. É outro dos idiomas mais falados na Cova da Iria, de tal modo que começa a ser uma língua muito conhecida para os residentes habituais de Fátima. Nota curiosa é o facto de tanto estes como os alemães simpatizarem com a nossa revista, inscrevendo-se como assinantes ou adquirindo todos os números publicados até hoje, levando a primazia o segundo número de FÁTIMA — 50, geralmente considerado como a mais completa reportagem e a mais perfeita da peregrinação de Paulo VI à Cova da Iria. Os alemães lamentam-se, no entanto, de não incluímos o seu idioma entre aqueles em que a nossa revista é publicada, o que sentimos vivamente mas por ora é difícil realizar.

Temos a seguir os italianos. Têm vindo muitos à Cova da Iria mas, como a maior parte deles, mesmo quando grupos mais numerosos, não se fazem anunciar, apenas notamos a sua presença quase por mera casualidade quando transitamos pelo recinto ou nos aproximamos da Capelinha onde os ouvimos rezar e cantar fervorosamente «alla Madonna». São muitos os sacerdotes que os acompanham.

Como nota significativa e índice da presença de peregrinos estrangeiros em Fátima, baste-nos apontar a seguinte: em três dias apenas, ou seja de 15 a 18 de Agosto foram celebradas 343 missas na Basilica e na Capelinha por sacerdotes portugueses, que não são a maioria, espanhóis, brasileiros,



Sua Eminência Cardeal José Bueno Monreal, Arcebispo de Sevilha, durante a sua peregrinação em 27 de Setembro de 1967



Um grupo de sacerdotes e leigos Vietnamitas na peregrinação de 13 de Outubro de 1967



franceses, italianos, peruanos, vietnamitas, norte-americanos, liberianos, alemães, holandeses, austríacos, canadenses, ingleses, irlandeses, guaneses (Guam), iraquinos e suíços.

Referência particular merece a mais recente das peregrinações brasileiras que coincidiu com a peregrinação de 13 de Outubro, organizada pela companhia Urbi et Orbi e que trouxe à Cova da Iria 140 pessoas do nosso País irmão. Vinham presididos pelos Revdos. senhores P.e Pancrácio Dutra e Mons. Leovigildo Franca que traziam a representação, para esta peregrinação de Outubro, da Conferência Episcopal do Brasil. Era composta quase exclusivamente por trabalhadores e empregados, pelo que a data foi escolhida de harmonia com a sua época de férias, aproveitadas para visitar Roma por motivo da celebração do Ano da Fé, algumas capitais da Europa com interesse histórico e monumental, bem assim como santuários célebres, terminando neste Santuário de Nossa Senhora de Fátima a sua visita europeia. Entrevistados pela nossa reportagem afirmaram que o que mais os impressionou nesta sua digressão foi a bênção do Papa em Roma, a participação nos actos de culto em Lourdes e, para fechar com chave de ouro, como disseram, a vinda a Fátima na altura da grande peregrinação de Outubro que os comoveu profundamente.

Da peregrinação dos norte-americanos do Exército Azul, para iniciarem aqui a sua viagem de Paz à volta do Mundo com Nossa Senhora de Fátima, fala-se noutra parte deste número de FÁTIMA — 50. Mas deixamos aqui nota de 150 outros peregrinos de Boston que vieram a Fátima no dia 7 de Outubro festa litúrgica de Nossa Senhora do Rosário.

No dia 17 de Outubro esteve em Fátima para ganhar o Jubileu das Comemorações do Cinquentenário S. Emcia. o Cardeal mexicano D. José Garibi y Rivera, Arcebispo de Guadalajara, que veio de Roma onde foi presidir à inauguração do Colégio Pontifício Mexicano. Recebido pelo Reitor do Santuário que o acompanhou durante a sua estadia entre nós, celebrou na Capelinha das Aparições.

Grupo de peregrinos estrangeiros na grande peregrinação de Outubro de 1967



DO LUXEMBURGO

Uma peregrinação nacional do Luxemburgo, composta de distintas individualidades daquele País, veio a Fátima para assistir às comemorações cinquentenárias de Outubro. Presidia-a, em nome do Bispo residencial do Luxemburgo, o senhor Bispo Auxiliar, Mons. Jean Hengen que se empenhou em retribuir pessoalmente a visita do senhor Bispo de Leiria D. João Pereira Venâncio, há um ano, por ocasião das festas do Tri-Centenário e levou a saudação de Fátima à Imagem de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos do Luxemburgo.

Os peregrinos luxemburgueses partiram do aeroporto Findel no dia 11 e regressaram ao seu País no dia 17 do mesmo mês de Outubro.

HISTÓRIA DO ROSÁRIO

Quase dois anos depois, em 1 de Abril de 1573, o Papa Gregório XIII publicou a Bula «Monet Apostolus», pela qual institui, em comemoração deste facto, a festa do Rosário de Nossa Senhora que deveria celebrar-se no primeiro Domingo de Outubro, aliás o dia 7 da vitória de Lepanto tinha coincido com um Domingo, festa que actualmente se celebra no dia 7 do dito mês.

Dessa Bula extraímos as seguintes passagens que mais importam ao nosso caso:

«Porque as orações apresentadas a Deus sobem, mais agradávelemte, à Sua presença quando se oferecem por intercessores mais dignos e com peculiar modo de orar, recordando que São Domingos, Fundador da Ordem dos Pregadores, quando em França e na Itália era apremiado por perniciosas heresias, instituiu o piedosíssimo modo de orar que se chama Rosário ou Saltério da Santíssima Virgem Maria, para aplacar a ira de Deus e implorar a intercessão da Santíssima Virgem; dando-Nos conta, também, de que o dia 7 caiu nesse ano no primeiro Domingo de Outubro e no qual, todas as confrarias estabelecidas no mundo inteiro sob a invocação do dito Rosário, saindo processionalmente segundo seus louváveis usos e costumes, elevaram a Deus piedosas orações as quais, temos de admitir, foram muito proveitosas para conseguir tal vitória por intercessão da Santíssima Virgem, julgamos fazer uma boa obra se, para conservar a recordação de tão grande vitória, evidentemente concedida pelo céu, e para dar graças a Deus e à Santíssima Virgem, instituímos uma festa solene denominada do Rosário».

O QUE É O ROSÁRIO

«O Rosário é, pelo significado do seu nome, um colar de rosas, não daquelas rosas com as quais os ímpios se adornam com petulância, segundo a palavra da Escritura (Sap. 2, 8): «coroem-nos de rosas antes de que se murchem», mas de rosas cuja frescura é incessantemente renovada nas mãos dos devotos de Maria» — Pio XII, 16/10/40.

Monges de clausura, em diversas partes do mundo, por processos só deles conhecidos, fazem, de há muito, perfumados Terços com contas de pétalas de rosas. A apresentação mais corrente do Rosário, objecto material de piedade, é em forma de Terço, isto é, um encadeado de cinco dezenas de contas que representam as Ave-Marias, separadas por umas outras que representam os Pai-Nossos.

As notas essenciais do Rosário são as orações, Pai Nosso e Ave-Maria, e a meditação do mistério correspondente. Sem isso não há Rosário propriamente dito, nem se podem lucrar as indulgências que lhe estão anexas.

As orações rezam-se na proporção de um Pai-Nosso por dez Ave-Marias o que constitui uma dezena do Rosário, cinco das quais fazem o nosso costumado Terço, e quinze constituem o Rosário completo.

É norma seguida em toda a parte terminar cada um das dezenas com o Glória Patri, e todo o Rosário com a Ladainha de Nossa Senhora.

Outras orações ou jaculatórias intercaladas entre as dezenas ou ao final do Terço, dependem dos costumes e devoção das terras e das gentes.

AS ORAÇÕES

1) O PAI-NOSSO

«Se oramos como devemos, diz Sto. Agostinho (Ep. 130, 12), outra coisa não podemos dizer que o conteúdo desta oração dominical».

São Cipriano considera a oração dominical «um compêndio de celestial doutrina», e Tertuliano como «breveário de todo o Evangelho», ou seja o seu resumo.

«Aconteceu que estando Jesus a orar, em determinado lugar, quando acabou, um dos Seus discípulos disse-Lhe: «Senhor, ensina-nos a orar como João ensinou os seus discípulos» (Luc. 11, 1).

É foi quando Jesus ensinou o Pai-Nosso. E para nos elucidar da eficácia da oração constante e repetida, dirigida, além disso, a um Pai que nos ama e tem todo o poder, acrescenta imediatamente aquela parábola do amigo que vai bater à porta do vizinho, alta noite, e não se retira enquanto não é atendido. E depois insiste: «Se vós, sendo maus, sabeis dar o que é bom aos vossos filhos, não dará o vosso Pai do céu o bom Espírito aos que Lho pedirem?» (Luc. 11, 13).

1 — Não existem documentos que nos permitam descobrir a devoção do Rosário para além do século XII e a sua forma actual nem sequer essa antiguidade atinge.

A São Domingos e à sua Ordem se deve a propagação desta forma de oração que se tornou a mais popular devoção da Cristandade para o que concorreu não só a sua peculiar estrutura de oração vocal e mental, como também a sério imensa de documentos de aprovação, louvor e estímulo publicados quase em cadeia por todos os Sumos Pontífices de então para cá.

2 — Entre todos ocupa lugar relevante o imortal Pontífice Leão XIII que publicou nove Encíclicas sobre o Rosário além de muitos outros escritos de diferente categoria documental.

De uma dessas Encíclicas, «Supremi Apostolatus», de 1 de Setembro de 1883, extraímos a seguinte nota referente ao papel de São Domingos na origem e propagação desta devoção mariana: «Ninguém ignora quantos dissabores e amarguras causaram à Santa Igreja de Deus, a finais do século XII, os herejes albigenses que, nascidos da seita dos últimos maniqueus, encheram de seus perniciosos erros o Meio-dia da França e outros países do mundo latino, e levando adiante o terror das suas armas, ameaçaram estender por toda a parte o seu domínio com o extermínio e a morte. Contra tão terríveis inimigos, Deus misericordioso suscitou o egrégio e santíssimo Pai e Fundador da Ordem Dominicana. Este, pela integridade da sua doutrina, pelo exemplo das suas virtudes e seus trabalhos apostólicos, empreendeu com ânimo varonil a luta pela Igreja Católica, não com a violência nem com as armas, mas fiado na excelsa súplica que com o nome de Santo Rosário de Maria foi o primeiro a instituir e quer por si, quer pelos seus filhos, espalhou ao longe e ao largo. Compreendeu, por divina inspiração e assistência, que em virtude dessa oração, como por meio de poderosíssima máquina bélica, venceria as hostes inimigas e confundiria a sua impiedade e audácia. Assim aconteceu como o provam os factos. Graças a este modo de orar recebido e posto em prática por instituição do Pai São Domingos, começou a restabelecer-se a piedade, a fi e a concórdia e foram destruídos os propósitos dos herejes, muitos extraviados regressaram ao bom caminho e o furor dos ímpios foi dominado pelas armas católicas empregadas para os reduzir».

3 — O Rosário foi adquirindo paulatinamente a sua forma actual. Foi no século XV que, graças à influência dos Cartuxos de Treveris se juntou à reza das Ave-Marias a lembrança de certos acontecimentos da vida de Jesus e da Virgem Maria, ficando o Rosário dividido em três Terços, correspondentes aos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos.

É, porém, num documento de Sixto V — Bula «Dum ineffabilis», de 30 de Janeiro de 1586 — em que «a instituição do santíssimo Saltério chamado Rosário, da gloriosa e sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, por São Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores, segundo se crê sob a inspiração do Espírito Santo» é confirmada e aprovada, que pela vez primeira se fala dos mistérios do Rosário, «concedendo-se graças especiais aos que comuniquem ou visitarem as igrejas dedicadas à Virgem do Rosário nos dias em que se celebram as festas dos mistérios desse mesmo Rosário».

4 — Um notável acontecimento ocorrido no Pontificado de São Pio V e cujo feliz resultado se atribui unanimemente à protecção da Santíssima Virgem invocada instantemente por toda a Cristandade por meio do Santo Rosário, veio dar a esta devoção um incremento extraordinário. Foi a vitória da armada cristã sobre a turca, em Lepanto, no dia 7 de Outubro de 1571.

A oração que São Lucas introduz nestas circunstâncias, é apresentada por São Mateus, mais completa, no Sermão da Montanha.

É a redacção de São Mateus, 6, 9-13, que passou à Liturgia, logo nos primeiros tempos, como pode ver-se na Didaké, s. I, com o evidente acréscimo litúrgico do «Amém» que depois passou a muitos códices do Evangelho de Mateus.

Distinguem-se, claramente, no texto sete petições, divididas em dois grupos, no primeiro dos quais se pede a glória de Deus (santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade), e no qual O reconhecemos como Pai, Rei e Senhor da humanidade e manifestamos o desejo de colaborar para que se torne efectiva no mundo essa triplice prerrogativa divina; o segundo grupo é constituído por súplicas pessoais de alimento de perdão, de libertação das tentações e do mal.

«A expressão Pai Nosso considera os seguidores de Nosso Senhor, em conjunto, como filhos de uma mesma família.

É de toda a conveniência que as primeiras jaculatórias sejam dirigidas à honra do Pai que, por outro lado, é inseparável do benefício do homem. O cristão pede que seja reconhecida a santidade do nome divino, ou seja, em linguagem semítica, a pessoa como conhecida e revelada. Dado que esta santidade não é só a sagrada e temível inacessibilidade de Deus (Lev. 10, 3, etc.), mas a Sua absoluta perfeição moral (Êz. 36, 21 ss.), o reconhecimento dela significa a aceitação prática, por parte do homem, dos mandamentos de seu Pai.

A segunda petição supõe o mesmo reconhecimento, mas desta vez é antes o estabelecimento progressivo do reinado de Deus nos corações dos homens.

A terceira proclama claramente o que já estava latente nas outras duas: o reconhecimento efectivo de Deus como Pai e como Rei cumpre-se mediante uma filial e leal sujeição a Ele. Que esta seja tão perfeita como a dos Anjos no céu! (Sal. 102, 19 ss.) — Lagrange — Verbum Dei, III, in Mat.

A segunda parte da oração tem igualmente três membros que, ao contrário dos da primeira parte, são súplicas directas para remediar as nossas necessidades. Destas, a primeira (o pão nosso de cada dia nos dai hoje) é uma súplica a favor das necessidades ordinárias da vida, compreendidas no termo «pão».

Várias interpretações se têm dado ao qualificativo «supra-substancial» no qual São Jerónimo quer ver uma alusão à Eucaristia, outros, traduzindo-o rigorosamente segundo diversos sistemas, pretendem que significa o pão para o dia que está à nossa frente ou para o dia seguinte também. Uma tradução literal que seria «de hoje e de amanhã», poderia ler-se «dia a dia», o que nós dizemos com a versão de São Lucas: o pão nosso de cada dia.

A segunda petição que São Mateus, semiticamente, expressa por «dívidas» e São Lucas por «pecados», é uma imploração de perdão, condicionada ao perdão que nós outorgamos aos outros.

A expressão semítica não nos induza da sexta petição, significa o que nós recitamos desta maneira: não nos deixeis cair em tentação. Tentação não quer dizer propriamente um convite directo ao pecado mas aquelas circunstâncias que podem ser para nós ocasião de pecado.

A oração termina por uma súplica para que Deus nos livre de todo o mal moral.

2) A AVE MARIA

A primeira parte desta oração é uma saudação à Santíssima Virgem, inspirada pelo Espírito Santo e posta nos lábios do Arcanjo Gabriel — Ave, ó cheia de graça, o Senhor é convosco — e nos de Sta. Isabel — bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do Vosso ventre.

A explicação destas palavras vai incluída, neste livro, respectivamente nos 1.º e 2.º Mistérios Gozosos.

Foram as Liturgias gregas de São Tiago e São Marcos que uniram estas duas saudações para formar uma só oração. Na Igreja Ocidental é no ofertório do 4.º Domingo do Advento, datado do tempo de São Gregório Magno (fins do s. VI e princípios do VII) que aparecem unidas estas duas saudações.

A meados do século XII juntou-se o nome de Jesus à última frase desta saudação — bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus.

A segunda parte da Ave-Maria aparece só mais tarde e formase paulatinamente. Já a fins do século XIII Raimundo Lúlio, depois de juntar numa só as duas saudações, a do Anjo e a de Sta. Isabel, inicia o cap. 66 do seu «Blanquerma» com estas palavras: «Sancta Maria, ora pro nobis».

Em 1427, explicando São Bernardino de Sena, num sermão.

a Ave-Maria, as últimas palavras que explicou foram: «Santa Maria, Mãe de Deus, roga por nós», o que indica ser já então corrente juntá-las à primeira parte da oração.

Um Breviário dos Mercedários do ano de 1514, traz esta redacção: «Santa Maria, Mãe de Deus, roga por nós pecadores agora e na hora da morte, Amém». Esta mesma fórmula a repetem um Breviário dos Camaldulenses de 1515, outro dos Franciscanos de 1525, e o do Cardeal Quinones de 1538.

Entre esta última data e 1568 é acrescentada a palavra «nossa», e assim ficou redigida definitivamente a Ave-Maria que nós repetimos 150 vezes no Rosário, em número igual ao dos Salmos de David e pelo que o Rosário se tem chamado Saltério Mariano.

OS MISTÉRIOS

«A protecção que nós, ao rezar, buscamos em Maria, funda-se no officio de nos conseguir a divina graça que Ela permanentemente exerce diante de Deus a quem é acesse, por Sua dignidade e méritos, mais poderosa que todos os Santos e todos os Anjos do céu.

E este officio de Medianeira talvez não esteja tão bem expressado em nenhuma forma de orar como no Rosário, onde as diferentes fases do sublime papel da Santíssima Virgem na salvação do género humano perpassam com uma força de verdade quase dramática, o que para a nossa piedade é imensamente vantajoso seja pela contemplação espiritual destes mistérios, seja pelas orações piedosamente repetidas com os lábios.

a) — Mistérios Gozosos. Em primeiro lugar são-nos apresentados os mistérios gozosos. O Filho Eterno do Pai inclina-se para os homens, ao fazer-se homem, com o consentimento de Maria, porém, que concebeu do Espírito Santo. João é santificado no seio materno por insigne privilégio, e adornado de graças de eleição para preparar os caminhos do Senhor; mas todas estas coisas acontecem graças à saudação de Maria que, inspirada pelo Espírito Santo, visita a Sua prima. Por fim, Cristo, a esperança das gentes, vem a este mundo, dado à luz pela Virgem Maria; ao Seu berço chegam os Pastores e os Magos, primícias da fé, piedosamente apressados e encontram o Menino com Maria Sua Mãe. O qual, depois, para se oferecer a Deus Pai como hósta, numa cerimónia pública, quis ser levado ao Templo; pelo mistério de Sua Mãe é apresentado ao Senhor. A mesma Virgem, na misteriosa perda do Menino, procura-O solícita e encontra-O com grande alegria para a Sua alma.

b) — Mistérios Dolorosos. Igualmente sublime é a linguagem dos mistérios dolorosos. No Jardim das Oliveiras, onde Jesus sente medo e tristeza mortal, no pretório onde é açoitado, coroado de espinhos e condenado ao supremo suplício, Maria não está presente, mas já há muito conhecia e sofria estas dores. Pois quando Ela se inclina diante de Deus como Sua escrava para tornar-se Mãe do Seu Filho e quando se consagra, inteiramente, com Jesus no Templo, nessas duas circunstâncias desde logo se associa à dolorosa expiação dos crimes do género humano; é, portanto, impossível não vê-La participar com toda a intensidade da alma na agonia infinita de Seu Filho e em todas as Suas dores. Mas era na Sua presença, diante dos Seus olhos que o divino Sacrifício se devia realizar, cuja Vitima Ela tinha alimentado com Sua puríssima substância.

Este é o espectáculo mais comovente de tais mistérios: de pé, junto à Cruz de Jesus, estava Maria, Sua Mãe, repassada de um intenso amor para conosco o qual A fazia ser Mãe de todos nós, oferecendo Ela própria, à justiça de Deus, o Seu Filho e agonizando na alma com a Sua morte, trespassada por uma espada de dor.

c) — Mistérios Gloriosos. Nos mistérios gloriosos que vêm a seguir é confirmada mais eloquentemente ainda a função comovedora da Virgem sublime.

Da glória do Seu Filho, vencedor da morte, goza Maria feliz e silenciosamente; o Seu olhar acompanha, com expressão de maternal amor, o Seu Jesus que regressa ao céu.

Mas Ela, digna do céu, fica na terra, porque quer consolar e ensinar com a Sua Sabedoria a Igreja nascente, Ela que penetrou nos profundos abismos da Sabedoria divina muito mais do que possamos imaginar (São Bernardo, De prerrogativis B.M.V. n.º 3).

Porém, como o mistério da redenção dos homens não será plenamente cumprido senão quando vier o Espírito Santo que

Cristo prometeu, por isso se apresenta também Maria, à nossa consideração, no meio do Cenáculo. Está rodeada pelos Apóstolos, orando por eles com os inenarráveis suspiros da Sua alma, após o advento do Paráclito, dom supremo de Cristo, tesouro e fonte preciosa que jamais se esgotará. Cumprida esta missão, Maria vai-se dirigindo para a eternidade para advogar a nossa causa e cumprir um ministério que nunca mais acabará. Vêmo-La subir deste vale de lágrimas para a Santa Jerusalém, escoltada e levada pelos coros angélicos, e saudámo-La, elevada na glória dos Santos, com a fronte resplandecendo pelo brilho do diadema de estrelas que nela colocou o Seu divino Filho e em frente d'Ele sentada como Rainha e Senhora de todo o universo.

Estes mistérios, veneráveis irmãos, onde se vê o plano de Deus; plano de sabedoria, de misericórdia (S. Bernardo, Serm. in Nativ. B.M.V. n.º 6) e onde resplandecem os imensos méritos da Virgem Maria, não podem deixar insensível nenhuma alma. tão certa é a esperança que eles dão de obter, pelo ministério de Maria, o benefício da clemência e da misericórdia divinas" — Leão XIII — (Cart. Encíclica «Iucunda semper», 8/9/1894, sobre o Rosário).

COMO DEVE SER RECITADO

«A verdadeira substância do Rosário bem meditado é constituída por um triplice elementos que dá à expressão vocal unidade e reflexão, descobrindo numa sucessão viva, episódios que associam a vida de Jesus e de Maria, com relação às várias condições das almas orantes e com as aspirações da Igreja universal.

Para cada dezena de Ave-Marias eis aqui um quadro, e para cada quadro um triplice acento que é ao mesmo tempo contemplação mística, reflexão íntima e intenção piedosa.

CONTEMPLAÇÃO MÍSTICA

Antes de mais nada, contemplação pura, luminosa, rápida de cada mistério, isto é, daquela verdade da fé que nos fala da missão redentora de Jesus. Contemplando, encontramos-nos em íntima comunicação de pensamento e de sentimentos com a doutrina e a vida de Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, vindo à terra para remir, instruir e santificar no silêncio da vida oculta, feita de oração e de trabalho; nas dores da Sua Santa Paixão; no triunfo da Ressurreição; na glória dos céus onde está sentado à direita do Pai sempre pronto a assistir e edificar com o Espírito Santo a Igreja por Ele fundada, que progride no seu caminho através dos séculos.

REFLEXÃO ÍNTIMA

O segundo elemento é a reflexão, que da plenitude dos mistérios de Cristo se difunde com viva luz sobre o espírito do orante. Em cada um dos mistérios descobre o oportuno e bom ensinamento para si, em ordem à própria santificação e às condições em que vive, e sob a contínua iluminação do Espírito Santo, que do fundo da alma em graça «pede por nós com gemidos inenarráveis» (Rom. 8, 26); cada qual compara a sua vida com o calor da lição que brota destes mistérios e encontra inesgotáveis aplicações dos mesmos às necessidades espirituais próprias e às necessidades da sua vida quotidiana.

INTENÇÃO PIEDOSA

Em último lugar está a intenção, isto é a indicação das pessoas instituições ou necessidades de ordem pessoal e social, que para um católico, verdadeiramente activo e piedoso entra no exercício da caridade para com os irmãos, caridade que se difunde nos corações como expressão viva da comum integração no Corpo Místico de Cristo.

De tal modo o Rosário se converte em súplica universal das almas particulares e da imensa comunidade dos redimidos, que desde todos os pontos da terra se encontram numa única oração, quer seja na invocação pessoal para implorar graças para as necessidades individuais de cada um, quer seja na participação no coro imenso e unânime de toda a Igreja pelos grandes interesses de toda a humanidade.

A Igreja, tal como o Divino Redentor a quer, vive entre as asperezas, as adversidades e as tempestades de uma desordem social que frequentemente se converte em pavorosa ameaça; mas os seus olhares estão fixos e as energias da natureza e da graça tendem sempre para o supremo destino da felicidade eterna.

RECITAÇÃO LABIAL E PRIVADA

Isto é o Rosário mariano observado nos seus vários elementos, conjuntamente reunidos sobre as asas da oração vocal e a ela entrelaçados como um bordado leve e substancioso, mas cheio de calor e de fascinação espiritual.

As orações vocais adquirem, portanto, também o seu pleno sentido: sobretudo a oração dominical que dá ao Rosário o tom, substância e vida e, vindo depois do indicativo de cada um dos mistérios, define a passagem de uma dezena à outra; a seguir a saudação angélica, que leva em si a alegria do céu e da terra em volta dos vários quadros da vida de Jesus e de Maria e, finalmente, a doxologia, repetida em adoração profunda à Santíssima Trindade.

Que belo é sempre o Rosário da criança e do velho doente; da virgem consagrada na obscuridade do claustro ou ao apostolado da caridade, mas sempre na humildade e no sacrifício; do homem e da mulher, pai e mãe de família, alimentados por alto sentido de nobre e cristã responsabilidade; das modestas famílias fiéis à antiga tradição doméstica; das almas recolhidas no silêncio e arancadas à vida do mundo a que renunciaram, embora tenham que viver no mundo, mas como anacoretas, entre incertezas e tentações!

ORAÇÃO SOCIAL E SOLENE

No acto de honrar esta antiga, costumada e comovedora devoção mariana, conforme as circunstâncias pessoais de cada um, seja-nos permitido ainda dizer que as transformações modernas operadas em cada sector da convivência humana, as inovações científicas, o próprio aperfeiçoamento da organização do trabalho, levando o homem a medir com vistas largas e penetração para captar a fisionomia do mundo actual, vão criando também novas sensibilidades a respeito das funções e das formas da oração cristã.

Hoje, cada alma que ora não se sente só e ocupada exclusivamente com os próprios interesses de ordem espiritual e temporal, mas adverte, mais e melhor que no passado, que pertence a um corpo social de cuja responsabilidade participa, goza das vantagens e teme as incertezas e os perigos.

Este, aliás, é o carácter da oração litúrgica do missal e do breviário: cada uma das suas partes, marcada pelo «oremus» que supõe pluralidade e multidão tanto de quem ora como de quem espera ser ouvido e também para quem a oração se completa. É a multidão que ora em unidade de súplica por toda a fraternidade humana, religiosa e civil.

O Rosário de Maria, portanto, é elevado à condição de uma grande prece pública e universal perante as necessidades ordinárias e extraordinárias da Santa Igreja, das nações e do mundo inteiro».

(S.S. João XXIII. Carta Apost. sobre o Rosário, 29/9/61)

A ORAÇÃO DE TODOS

A um grupo de casais que na sua lua de mel foram a Roma pedir uma bênção especial ao Santo Padre, Pio XII, quis que eles levassem dessa visita uma devoção maior pelo Santo Rosário, e explicou-lhes, em palavras repassadas de ternura e poesia, o que é o Rosário das diferentes idades da vida. Foi no dia 8 de Outubro de 1941.

1) Rosário dos novos esposos que vós, um com o outro, recitastes na aurora da vossa nova família diante da vida que se abria para vós com alegres perspectivas, mas também com seus mistérios e suas responsabilidades. É tão doce. Na alegria destes primeiros dias de intimidade total, colocar, desta forma, as esperanças e propósitos do futuro sob a protecção da Virgem toda pura e poderosa; da Mãe misericordiosa e amante, cujas alegrias, dores e glórias passam diante dos olhos da vossa alma, à medida que deslizam as dezenas de Ave-Marias, recordando-vos os exemplos da mais santa das famílias.

2) Rosário das crianças. Rosário dos pequenos os quais, tendo entre os dedinhos ainda frágeis as contas do Terço, repetem lentamente, com atenção e esforço, mas já com tanto amor, o Pai-Nosso e as Ave-Marias que a mãe, pacientemente, lhes ensinou. Enganam-se, às vezes, duvidam e confundem-se, mas há uma tão confiante candura no olhar que dirigem à imagem

de Maria, Aquela que já sabem reconhecer como sua grande Mãe do Céu! Depois há-de ser o Terço da Primeira Comunhão, que tem um lugar aparte entre as recordações de tão grande aia; formoso, mas que não deve ser um vão objecto de luzo, mas um instrumento que ajude a rezar e que eleve o pensamento à Virgem Santíssima.

3) Rosário da rapariga, maior, alegre e serena, mas ao mesmo tempo séria e pensativa a respeito do seu futuro, que confia à Imaculada Virgem Maria, prudente e benigna, os desejos de entrega e dom de si mesma, aos quais sente abrir-se o seu coração; que roga por aquele que ainda é um desconhecido para ela, mas conhecido de Deus, o qual a Providência lhe tem destinado e que ela desejaria fosse também fervoroso e generoso. Este Terço que tanto gosta de rezar, ao Domingo, com as suas companheiras, deverá, durante a semana, rezá-lo outra vez entre as tarefas caseiras, ao lado da sua mãe, ou nas horas de trabalho no emprego, ou no campo, quando tiver um momento disponível para ir à igreja mais próxima.

4) Rosário do rapaz aprendiz, estudante, agricultor, que se prepara, trabalhando denodadamente, para um dia ganhar o pão para si e para os seus. Terço que conserva cuidadosamente consigo como protector da pureza que deseja levar intacta ao altar no dia das suas núpcias. Terço que reza, sem respeito humano, nas horas de folga para o recolhimento e a oração; que o acompanha sob o uniforme militar no meio das fadigas e dos perigos da guerra; que as suas mãos apertarão, pela última vez no dia em que porventura a sua Pátria lhe peça o supremo sacrifício e que os seus companheiros de armas encontrarão, comovidos, entre seus dedos frios e ensanguentados.

5) Rosário da mãe de família, da operária, da camponesa; simples, sólido, usado desde há muito tempo, em que talvez não possa pegar senão à noite quando, cansada de trabalhar, todavia encontrará na sua fé e no seu amor força para o rezar, lutando contra o sono, por todos os entes queridos, especialmente por aqueles que ela sabe estarem mais expostos aos perigos da alma e do corpo, que teme sejam tentados e perseguidos, que vê, com tanta mágoa, afastar-se de Deus. O Terço da mulher mundana, talvez rica, mas carregada, com frequência, de preocupações e de angústias ainda mais pesadas.

6) Rosário do pai de família, do homem trabalhador e enérgico que nunca se esquece de trazer consigo o Terço juntamente com a caneta e a agenda de trabalho; às vezes grande professor, engenheiro de renome, célebre clínico, advogado eloquente, artista genial, agrônomo experiente, não se envergonha de o rezar com devota simplicidade nos instantes roubados à tirania do trabalho profissional para temperar sua alma de cristão na paz duma igreja aos pés do sacrário.

7) Rosário dos velhos. Velha avó que passa, incansavelmente, as contas entre os dedos já gastos, no fundo da igreja, enquanto até lá se pode arrastar com suas pernas já trôpegas, e durante as horas de imobilidade na sua cadeira ao lado do lume. Velha tia que consagrou todas as suas forças ao bem da família e agora, aproximando-se do termo da sua vida gasta em boas obras, alterna com inesgotável abnegação os pequenos serviços que ainda pode prestar, com as suas numerosas dezenas de Ave-Marias que repete, sem cansar-se, no seu Terço.

8) Rosário do moribundo, apertado, na hora extrema, entre as suas mãos trémulas, como um último apoio, enquanto à volta dele os entes queridos o rezam em voz baixa; Terço que ficará sobre o seu peito junto com a Cruzifixo e demonstrará a sua confiança na divina misericórdia e na intercessão da Virgem de que estava cheio esse coração que deixou de palpitar.

9) Rosário da família inteira, enfim, rezado em comum, entre todos, pequenos e grandes, que reúnem, à noite, aos pés da Virgem, os que o trabalho do dia tinha separado; os reúne com os ausentes e com os desaparecidos, cuja recordação se ativa numa oração fervorosa; que deste modo consagra o laço que os une a todos, sob a protecção maternal da Virgem Imaculada, Rainha do Santíssimo Rosário!»

O ROSÁRIO E A BIBLIA

Quem quer que se detenha uns instantes a considerar a essência desta devoção mariana chegará, facilmente, à conclusão de que os diversos títulos que lhe têm sido aplicados como o de Salterio Mariano, Breviário do Evangelho e outros similares, correspondem exactamente à realidade.

O Rosário não é apenas uma oração eminentemente bíblica mas até, diríamos, exclusivamente bíblica, seja pelas orações vocais nele recitadas — Pai-Nosso e Ave-Maria — seja pelos mistérios propostos à nossa consideração em cada dezena.

Tendo o Rosário por base poder-se-ia edificar um completo tratado doutrinal cujas vantagens têm sido muitas vezes apontadas pelos Sumos Pontífices. Isto é o bastante para recomendá-lo a todos os cristãos que, ou podem ser instruídos por meio dele, nas verdades da salvação, ou podem recordá-las a cada instante e aplicá-las à sua vida pessoal com grande proveito espiritual e moral.

«O Santo Rosário não é somente arma para derrotar os inimigos de Deus e da Religião, mas, sobretudo, promove e fomenta as virtudes evangélicas. E, em primeiro lugar, reanima a fé católica com a contemplação dos divinos mistérios e eleva o entendimento ao conhecimento das verdades reveladas por Deus, o que é ótimo para os tempos actuais em que não poucos cristãos sentem fastio e tédio pelas coisas do espírito e pela doutrina católica.

Faz também reviver a esperança: com a consideração do triunfo de Jesus Cristo e de Sua Mãe que se medita na última parte do Rosário, mostra-se-nos o céu aberto e somos convidados a desejar ansiosamente aquela bemaventurada Pátria.

E enquanto o desejo das coisas terrenas inflama os corações de tantos mortais e tantos homens ambicionam efémeras riquezas e vãos prazeres, pelo pensamento dos mistérios gloriosos somos chamados à conquista dos bens eternos, daqueles tesouros celestiais onde os ladrões não chegam e a traça não atinge. (Luc. 12, 33).

Quando a caridade de tantos cristãos arrefece, como não se inflamarão os corações ao recordar a Paixão e Morte de Nosso Redentor e as angústias da Sua Dolorosa Mãe, consideradas na segunda parte do Rosário? E desta caridade para com Deus nascerá um intenso amor ao próximo considerando quantos trabalhos e dores Jesus Cristo padeceu para recuperar a herança perdida para todos os homens» — Pio XI, Enc. «Ingravescentibus malis» sobre o Santo Rosário, de 29/9/1937.

Sendo assim, o nome que melhor compendia tudo quanto o Rosário é, foi-lhe dado por aqueles que tradicionalmente lhe chamam Resumo do Evangelho e da vida cristã.

«Autor e aperfeiçoador da fé chamam a Cristo as divinas Escrituras (Hebr. 12, 2): Autor, por ter ensinado, pessoalmente, muitas coisas aos homens para que as cressem, sobretudo de Si mesmo, em quem habita toda a plenitude da divindade (Col. 2, 9), e concede com a graça e como que com a unção do Espírito Santo, o dom da fé; Aperfeiçoador, porque as coisas conhecidas nesta vida mortal como que através de um véu, Ele as fará transparentes no céu, onde trocará o hábito da fé em claridade de glória.

Ora bem, na devoção do Rosário, Cristo ocupa o lugar principal, cuja vida contemplamos ao meditar, já a oculta cheia de gozos, já a pública no meio de trabalhos e dores que acabam com a morte, e, finalmente, a gloriosa que principia na triunfante ressurreição e continua na eternidade, sentado à direita do Pai.

E já que a fé, para que seja digna e perfeita, é necessário professá-la externamente, pois no coração se crê para a justificação e se professa a fé com a boca para a salvação (Rom. 10, 10), por isso o Rosário oferece-nos oportunidade para esta profissão externa de fé.

Por meio das orações vocais de que está formado podemos expressar e professar a fé em Deus, nosso Pai providentíssimo, na vida eterna, no perdão dos pecados e também nos mistérios da Augustíssima Trindade, do Verbo Incarnado, da Maternidade Divina e outros. Ora bem, ninguém ignora o grande valor e mérito da fé. A fé, efectivamente, outra coisa não é que uma escolhida semente que no presente produz flores de todas as virtudes que nos tornam agradáveis a Deus e darão frutos que duram para a vida eterna: pois que o conhecer-Te é justiça consumada e o conhecer a Tua justiça e virtude é a raiz da imortalidade (Sap. 15, 3) — Leão XIII — Enc. «Fidentem piumque», sobre o Rosário, de 20/9/1896.

Estando Pio IX no seu leito de morte, um dos Prelados que lhe prestava assistência perguntou-lhe em que pensava naquela hora extrema.

Respondeu-lhe o Papa: «Em que hei-de eu pensar? Contemplo docemente os quinze mistérios que adornam as paredes deste quarto que são outros tantos quadros de consolação. Se soubesses como me confortam! Contemplando os mistérios go-

zozos, nem me lembro das minhas dores; pensando nos da Cruz, sinto um enorme conforto pois vejo que não vou sozinho pelo caminho da dor, mas que vai à minha frente Jesus; e quando considero os da glória sinto uma grande alegria e parece-me que todas as minhas penas se transformam em esplendores da glória. Oh, como o Rosário me consola neste leito de morte!»

Dirigindo-se depois aos que o rodeavam, disse: «O Rosário é um Evangelho compendiado e dará aos que o rezem rios de paz de que nos fala a Escritura; é a mais formosa devoção, a mais abundante em graças e agradabilíssima ao Coração de Maria. Seja este, meus filhos, o meu testamento para que vos lembreis de mim na terra».

E esta foi a ideia que originou o presente livro em que os mistérios do Rosário são apresentados no seu quadro histórico e na sua aplicação prática à vida cristã.

I

A ANUNCIAÇÃO DO ANJO A VIRGEM MARIA

O VERBO NA ETERNIDADE

«No princípio existia o Verbo
E o Verbo estava defronte de Deus
E o Verbo era Deus.
Este estava no princípio defronte de Deus.
Todas as coisas foram feitas por Ele;
E sem Ele nada se fez de quanto foi feito.
N'Ele havia vida
E a vida era a luz dos homens» (1).

João, 1, 1-4

A PROMESSA DO REDENTOR

«Disse Deus à serpente:
Serás maldita como nenhum outro animal
e besta selvagem.
Caminharás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias
da tua vida.
Criarei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua prole e a
dela, a qual te esmagará a cabeça e tu investirás contra o seu
calcanhar» (2).

Gén. 3, 14-15

ANUNCIADO PELOS PROFETAS

«Um rebento sairá do tronco de Jessé,
Uma vara sairá das suas raízes.
Sobre Ele repousará o Espírito de Jahvé,
Espírito de sabedoria e de inteligência,
Espírito de prudência e de fortaleza,
Espírito de conselho e temor de Jahvé.
Não julgará pelo que virem os seus olhos
Nem se pronunciará pelo que ouvirem seus ouvidos.
Julgará os pobres com justiça
E sentenciará com rectidão para os humildes da terra...

Então o lobo habitará com o cordeiro,
A pantera repousará ao pé do cabrito...» (3)

Is. 11, 1-4 e 6

«A Virgem conceberá e dará à luz um filho,
a quem vai chamar Emanuel...» (4)

Is. 7, 14

A INCARNAÇÃO

«E quando se cumpriu plenamente o período de tempo dos designios divinos, enviou Deus, lá do céu, da Sua presença, o Seu próprio Filho, feito filho de mulher, submetido à disciplina da lei, para recuperar-nos a filiação adoptiva» (5).

Gal. 4, 4-5.

O ANÚNCIO DO ANJO

«Seis meses após Isabel, esposa de Zacarias, ter concebido um filho, como Deus lhe prometera (Luc. 1, 23-24), o Anjo Gabriel foi enviado, por Deus, a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, para falar a uma donzela que estava casada com José, um varão da família de David.

A Virgem chamava-se Maria.

E entrando onde Ela estava, disse: «Alegra-te, (6) ó cheia de graça, o Senhor é contigo, és bendita entre as mulheres!»

Ela, ao ouvir estas palavras, perturbou-se e pensava no significado desta saudação.

O Anjo, porém, disse-lhe: «Não temas, Maria, (7) pois achaste graça aos olhos de Deus. Conceberás no Teu seio e darás à luz um Filho a quem hás-de pôr o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de Seu pai David, e reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o Seu reinado não terá fim».

Maria disse ao Anjo: «Mas como poderá ser isto se eu não conheço varão?» (8).

O Anjo, respondendo, disse-lhe: «o Espírito Santo descerá sobre Ti, o poder do Altíssimo Te abrigará com a Sua sombra: e, por isso, o que vai nascer há-de chamar-se Santo, Filho de Deus. Também Isabel, Tua parente, concebeu um filho, na sua velhice, e já está no sexto mês a que chamavam estéril, porque para Deus nada é impossível» (9).

Maria disse: «eis aqui a escrava do Senhor, cumpra-se em mim o que disseste».

Então o Anjo retirou-se.

Luc. 1, 26-38

«E o Verbo fez-se carne,
E habitou entre nós».

João, 1, 14

AS DÚVIDAS DE JOSÉ

«Maria, Mãe de Cristo, estava desposada com José, e antes de terem coabitado concebeu por obra do Espírito Santo. O seu marido José, como era um homem justo e não queria difamá-la, resolveu repudiá-la secretamente (10). Estando ele a pensar nisto, apareceu-lhe, em sonhos, um Anjo do Senhor e disse-lhe: «José, filho de David, não receies receber na tua casa Maria, tua mulher, pois o que nela se concebeu é fruto do Espírito Santo. Vai dar à luz um Filho ao qual hás-de pôr o nome de Jesus, porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados».

Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que disse o Senhor pelo Profeta (Is. 7, 14) que diz: «Uma Virgem há-de conceber e dar à luz um filho e o chamarão pelo nome de Emanuel» que, traduzido, significa Deus conosco.

«José, ao acordar, fez como lhe ordenou o Anjo do Senhor, e recebeu a sua mulher na sua companhia».

Mat. 1, 18-24

MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

Este é o ponto mais luminoso, o que une o céu com a terra, o mais grandioso acontecimento dos séculos.

O Filho de Deus, Verbo do Pai, por quem, tudo quanto se fez na ordem da criação, foi feito, assume a natureza humana para tornar-se o Redentor e o Salvador de toda a humanidade.

Maria Imaculada, a mais bela e fragrante flor da criação, com o seu «eis a escrava do Senhor» à palavra do Anjo, aceita a honra da maternidade divina que nesse instante n'ela se realiza; e nós, como irmãos remidos de Cristo, tornamo-nos todos filhos de Deus.

O sublimidade! O ternura deste primeiro mistério!

Reflexão: o nosso principal e contínuo dever é dar graças ao Senhor que se dignou salvar-nos fazendo-se homem e, como homem, nosso irmão; e nos associa, com a adopção de filhos, à Sua própria Mãe.

A intenção da súplica, na contemplação deste primeiro quadro, além da perenidade habitual da acção de graças, é o estudo e o esforço sincero de humildade, de pureza e de grande caridade, de que a Bemaventurada Virgem nos dá tão belo exemplo. S.S. João XXIII

COMENTARIO

I — A SAUDAÇÃO ANGÉLICA

Todos os oráculos messiânicos anunciam alegria. (Is. 12, 6; 44, 23; 49, 13; 54, 1; Jer. 31, 7; Sof. 3, 14; Zac. 2, 14; 9, 9; Joel. 2, 21). «Alegra-te porque no meio de ti nascerá o Messias».

Com anúncio semelhante se apresenta o enviado de Deus à Virgem Maria: vem anunciar-Lhe, finalmente, a realização da promessa, chegada a plenitude dos tempos a que se refere São Paulo, e por isso há razão para que Aquela que por um lado foi prefigurada e por outro representa todo o povo messiânico, se alegre.

«Alegra-Te, ó cheia de graça, o Senhor é contigo».

Para compreender o estremecimento de Maria ante a saudação angélica, estremecimento nascido da compreensão instantânea do significado profundo e transcendente da mensagem, do impacto, diríamos em linguagem mais actual, produzido no coração e no pensamento da Virgem de Israel, convém-nos recordar o anúncio messiânico de Sofonias a Israel, apontado acima em simples cifra, Sof. 3, 14-17, que Nossa Senhora conhecia, pois todo o bom israelita sabia de cor as promessas da sua salvação, e Maria há-de dar mais provas de vasto e profundo conhecimento das Escrituras, sobretudo no Seu cântico diante de Isabel.

Oráculo de Sofonias:

«Alegra-te, ó filha de Sião; dá gritos de alegria, ó Israel; alegra-te e regozija-te de todo o coração, ó filha de Jerusalém! Jahvé suprimiu os teus juizes, expulsou os teus inimigos; o Rei de Israel, Jahvé, está no meio de ti (no teu seio); não temas mal algum. Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas, Sião, não desfaleçam as tuas mãos.

Jahvé, teu Deus, está no meio de ti (no teu seio); poderoso salva; há-de gozar sobre ti com alegria, te reafirmará o Seu amor».

Se reduzirmos este oráculo às suas palavras essenciais, descobriremos o mesmo paralelismo que a Virgem Maria descobriu nas palavras do Anjo Gabriel:

«Alegra-te, (Sof. 3, 14; Luc. 1, 28) ó filha de Sião — ó cheia de graça (Sof. 14; Luc. 28), o Rei de Israel, o Senhor (Sof. 15; Luc. 28) está no meio de ti — é contigo (Sof. 15; Luc. 28)... Não temas, Sião — não temas, Maria (Sof. 16; Luc. 30). Jahvé, teu Deus, está no meio de ti — conceberás no Teu seio e darás à luz um filho (Sof. 17; Luc. 31) que poderoso salva (Josua) — e Lhe darás o nome de Jesus Salvador». (Sof. 17; Luc. 31).

II — A VIRGINIDADE DE MARIA

Maria, absolutamente crente nas palavras do Anjo, pergunta-Lhe como se realizará a vontade de Deus na Sua particular condição de virgem por um voto igualmente da vontade de Deus porque foi por Ele aceite e o qual não pretende quebrar, nem sequer pelo Seu casamento com José, segundo todos os indícios celebrados dentro desse condicionalismo virginal.

A pergunta da Virgem Maria é diferente, na intenção, de parecida pergunta feita por Zacarias ao mesmo Anjo Gabriel (Luc. 1, 18) mas nascida da incredulidade e que por isso mereceu um castigo como sinal, em vez do sinal por ele exigido. Referindo-se a esses factos é que Isabel Lhe diz: «feliz a que acreditou!» (Luc. 1, 45).

«Eu não conheço varão», diz Maria, o que significa o propósito firme de não vir a conhecê-lo se a isso não se opuser uma evidente vontade contrária de Deus.

Mas o Anjo tranquilizou-A: irá ser Mãe de Deus, sem perder a Sua virgindade, Mãe virginal.

Maria lembrar-se-á da nuvem que no deserto cobria a tenda onde se guardava a Arca da Aliança (Ex. 40, 34; Num. 9, 15) ou a que enchia o Templo de Deus (I Reg. 8, 10), quando o Anjo Lhe disser que «o poder do Altíssimo A abrigará com a Sua sombra, e por isso o que de Ela vai nascer é Santo, será chamado Filho de Deus».

Nada é impossível a Deus.

São Mateus ilucidar-nos-á sobre uma profecia de Isaías (7, 14), (Mat. 1, 22-23) quando explicar a São José a origem divina da concepção de sua esposa santíssima.

É preciso deixar claro, não obstante, que apesar de se atribuir de um modo particular ao Espírito Santo, por ser costume da Escritura atribuir-Lhe as obras de vida, de poder e de milagre — Ele é, por apropriação, a fonte da vida, mas não significa que o não sejam também o Pai e o Filho —, não é o Espírito Santo o Pai de Jesus. Pai de Jesus é o Pai Eterno. A obra da encarnação é uma obra exterior a Deus e, portanto, comum às três divinas Pessoas. As Três Pessoas fazem que a natureza humana seja unida ao Verbo de Deus no seio da Virgem Maria.

III — MATERNIDADE DIVINA

O Filho que a Virgem Maria vai gerar no Seu seio, é obra do Espírito Santo, é Filho de Deus. O próprio Pai há-de declarar, no baptismo de Jesus (Luc. 3, 22) e mais adiante na transfiguração (Mat. 17, 5) que Ele é Seu Filho. Jesus aceita também a confissão de Pedro nesse mesmo sentido: «Tu és o Messias, Filho de Deus vivo» (Mat. 16, 16) e Ele dará esse testemunho de Si mesmo, o que Lhe valerá a condenação à morte (Luc. 22, 70-71).

Portanto Maria é a Mãe de Deus, verdade que Isabel confessa alvoroçada ao receber a vista de sua prima: «Pode lá ser que venha visitar-me a Mãe do meu Senhor?» (Luc. 1, 43).

São Cirilo assim explica este mistério. Não é Mãe da divindade, mas é verdadeiramente Mãe, por geração humana, de um Filho que é Deus. Não é Mãe de um homem que se unirá a Deus, mas Mãe de um homem que, desde o instante da Sua concepção, é pessoalmente Deus. O facto de Maria não dar ao Seu Filho a Sua natureza e a Sua personalidade divinas, não diminui absolutamente nada a autenticidade do Seu título. As outras mães também não dão aos seus filhos, em maior grau, a alma e a personalidade e, não obstante, são verdadeiras mães. Mães não só da carne que eles formam mas autênticas mães da pessoa humana criada por Deus, que subsiste nessa carne. Do mesmo modo, Maria não é só Mãe da carne de Jesus, é Mãe da pessoa que subsiste nessa carne, não só Mãe do corpo de Jesus, mas Mãe de Jesus que é Deus.

IV — A GENEALOGIA HUMANA DE CRISTO

O Anjo apresenta este Filho de Deus, como filho, descendente de David na sua condição humana, herdeiro do seu trono real: «O Senhor Deus Lhe dará o trono de Seu pai David, e reinará sobre a casa de Jacob eternamente».

Confirma-se o oráculo feito por Natan a David: «Quando se acabarem os teus dias e repousares junto de teus pais, eu suscitarei, depois de ti, um da tua geração, saído das tuas entranhas, e firmarei sólidamente o Seu reino. Ele levantará uma casa ao meu Nome e consolidarei o trono do seu reinado para sempre. Eu searei seu pai e ele será meu filho... O teu trono ficará consolidado para sempre». (II Sam. 7, 12-14 e 16).

(Veja-se nos Actos, 2, 29-30, como São Pedro faz referência a esta profecia para provar a ressurreição de Cristo).

São Mateus, 1, 1-16, dá fé de todas as gerações de David a José, esposo de Maria da qual Jesus nasceu, Jesus que legalmente será apresentado como filho de José. São Lucas, 3, 23-38, ascende de Jesus o qual «segundo se pensava era filho de José», até Adão, criado por Deus.

V — A ACEITAÇÃO DA PARTE DE MARIA

Maria nada tinha para opor à vontade santíssima de Deus. Ela que era a «Sua serva», e Deus, sem violentar a liberdade humana, «nasce filho de mulher» (Gal. 4, 5) para pertencer à raça que vinha salvar, fazendo-se um dos seus, salvador dos próprios irmãos.

Esta aceitação da Virgem Maria é um grande mistério de humildade, razão da Sua exaltação por parte de Deus: «pôs os olhos na insignificância da Sua serva... operou maravilhas em mim o que é Poderoso».

Maria cumpre, pois, uma missão consciente e livre no mistério da Redenção. Ela é quem enxerta o Salvador dentro da espécie humana e vai tornar-se, também, mística Mãe de todos os viventes, à imitação de Eva, mas gerando-os para a vida enquanto que Eva os gerou para a morte. Eva desobedecendo,

Maria pela obediência, transmitem aos homens uma herança pela qual, respectivamente, nascem filhos da ira e se tornam filhos de Deus, irmãos e cordeiros de Cristo, o Primogénito de muitos irmãos.

O R A Ç Ã O

O Teu seio, ó Mãe de Deus, converteu-se em uma como que mesa sagrada sobre a qual está o Pão celestial, do qual, segundo está escrito, quem o comer será livre da morte.

Tu, que foste digna de trazer no seio o próprio Deus, ó divina Esposa e Virgem, Mãe Imaculada, não cesses de rogar por nós, pois a Ti acudimos em todos os momentos, para nos livrarmos dos males que nos afligem.

Tu mereceste trazer no Teu seio o Verbo incompreensível; Tu amamentaste Aquele que alimenta o mundo inteiro. Ó puríssima Mãe de Deus. Tu tiveste nos braços o que veio para remédio de todas as nossas necessidades.

F. como foi possível que desses à luz Aquele que tem eterna geração, procedendo do Pai, e que recebe adoração com o Espírito Santo? Só O que de Ti se dignou nascer desvenda este mistério, ó Mãe divina!

LITURGIA BIZANTINA (Of. fer. IV, hebdom. Pent.)

(1) Nestes primeiros versículos do Prólogo do Evangelho segundo São João manifesta-se a eternidade e divindade do Verbo que, procedendo do Pai por via de inteligência, é Seu Filho; a Sua acção criadora; e a Sua aparição no mundo que compreende também o v. 5.

(2) Passagem correntemente chamada «Protoevangélio» por se referir ao Salvador. Filho da Virgem Maria.

(3) Profecia messiânica na qual se descrevem com rasgos admiráveis as características do reino messiânico, reino de justiça e de paz.

(4) São Mateus. 1, 22-23, atribui explicitamente esta profecia à Virgem Maria.

(5) O Filho de Deus que existia desde toda a eternidade, foi enviado ao mundo, no tempo, após uma conveniente preparação deste (todo o Antigo Testamento) para O receber. Nasceu filho de mulher, tornando-se irmão de todos os homens, submetido à disciplina legal pelo que se torna um verdadeiro israelita.

(6) Essa é a exacta expressão da saudação do Anjo, o significado do termo empregado, aliás com paralelos notáveis noutros lugares da Bíblia: Cf. Sofonias, 3, 14-17.

(7) Procure-se o paralelo em Gén. 15, 1, quando Deus se manifesta a Abraão.

(8) Referência ao voto virginal.

(9) Alusão idêntica à promessa feita a Abraão, Gen. 18, 14: «Porventura existe alguma coisa extraordinária para Jahvé?»

(10) Os desposórios entre os judeus tinham valor de contrato matrimonial pelo que, se José abandonasse Maria seria verdadeiramente um repúdio. Ainda não tinham, porém, coabitado, José não tinha levado a esposa para sua casa.

Que eram verdadeiros esposos se infere das repetidas afirmações do Evangelho, chamando a José esposo e a Maria esposa: Mat. 1, 19 e 20 e 24; Luc. 1, 27; 2, 5.

PONTUAÇÕES AO PADRE ROUQUETTE

O Rev. Pe. Rouquette publicou na revista «Etudes» de Julho-Agosto do ano corrente um extenso artigo no qual certas imprecisões ou meias-verdades podem levar os leitores desprevenidos ao erro.

Responde-lhe, com toda a correcção mas certamente e ponto por ponto, numa carta cujo original francês publicamos neste número, pág. 16 o Rev. Padre Léon Vanderghyest, religioso dominicano belga.

Entre as diversas pontuações que Vanderghyest faz ao artigo do Pe. Rouquette, escolhemos as seguintes:

Por quê dedicar um tão extenso artigo ao «modesto episódio da vida da Igreja» que foi a viagem de Paulo VI a Fátima?

Se é certo que o papel da Virgem Maria está inteiramente subordinado ao de Cristo, não obstante não é correcto apresentar a «Signum Magnum» de tal maneira que se fica com a impressão de o Papa não ter insistido, como insistiu, na intercessão de Nossa Senhora.

Afirma-se que o Papa evitou referir-se aos acontecimentos e à mensagem que estão na origem da sua peregrinação. Pelo contrário, o certo é que ele afirmou claramente ao anunciar a sua viagem, «recorrer Àquela que, para proteger o nosso Mundo moderno mostrou o Seu rosto maternal, doce e luminoso às crianças, aos pobres e recomendou como os melhores remédios a oração e a penitência».

Em Fátima o Papa não aludiu senão de passagem ao aniversário das aparições e da consagração do Mundo ao Coração de Maria. Seria bom, nesse caso, completar essa alusão com o extenso parágrafo que lhes dedica na «Signum Magnum».

Recusou receber em particular a Irmã Lúcia. No entanto obrigou-a a sair da clausura para ir a Fátima e ali a apresentou à multidão que a chamava.

Não existe qualquer estudo crítico sobre Fátima, semelhante aos que existem, por exemplo, sobre Lourdes ou La Salette. Dentro de dias, sem embargo, aparecerá o mais completo estudo crítico que jamais se fez sobre qualquer outra aparição sobrenatural de todos os tempos após a Revelação.

Sobre a influência que os acontecimentos de La Salette possam ter tido sobre Lúcia, deve esclarecer-se que isso é inconcebível antes de 1917 e depois não há fundamento algum em que apoiar essa mera hipótese.

Lúcia predisse apenas a consagração da Rússia, o que se fez «prudentermente» através da consagração do Mundo inteiro. Ora, a verdade é que a consagração explícita da Rússia foi feita por Pio XII na sua Carta Apostólica aos Povos da Rússia «Sacro vergente anno» de 7 de Julho de 1952.

Em Fátima observa-se apenas uma piedade popular, reduzida à reza do Terço e «exercícios espectaculares de penitência» comparáveis aos dos peregrinos do Ganges?

Em primeiro lugar é uma falta de espírito ecuménico, tão dos nossos dias, menosprezar quaisquer exercícios de penitência que pertencem ao fundo universal do sentimento religioso, seja quem for que os pratique. Em segundo lugar, os principais exercícios de piedade nas peregrinações de Fátima são o culto Eucarístico: sacrifício, sacramento, presença real; a penitência sacramental. Sou testemunha de que se confessa muitíssimo em Fátima, acaba afirmando o Rev. Pe. Vanderghyest a quem agradecemos o favor de nos ter enviado esta carta.

RESÚMENES

ACLARACIONES AL P. ROUQUETTE

Habiendo publicado el Rev. P. Rouquette en la revista «Etudes» de julio-agosto un extenso artículo en el cual ciertas impresiones o medias verdades pueden inducir a equívoco a lectores desprevenidos, le contesta con toda corrección y con certeza punto a punto, en una carta cuyo original francés publicamos en las págs. 16 e 17 de este número, el Rev. P. Léon Vanderghyest, dominico belga.

Entre las diversas aclaraciones del P. Vanderghyest, recojemos las siguientes:

¿Por qué dedicar un tan extenso artículo al «modesto episodio de la vida de la Iglesia» que ha sido el viaje de Paulo VI a Fátima?

Si es cierto que el papel de la Virgen esta completamente subordinado al de Cristo, no es correcto presentar la exhortación «Signum Magnum» de tal modo que uno queda con la impresión de el Papa no haber insistido, cómo lo hizo, en la intercesión de María Madre nuestra.

Se afirma que el Papa ha evitado referirse a los hechos y al mensaje que están en el origen de su peregrinación. Lo cierto es lo contrario: ha afirmado claramente, al anunciar su viaje, «recorrir a Aquella que, para proteger nuestro mundo moderno ha enseñado su rostro maternal, dulce y luminoso a los niños, a los pobres y ha recomendado cómo remedios supremos la oración y la penitencia.»

En Fátima el Papa no ha mencionado sino de paso el aniversario de las apariciones y de la consagración del mundo al Corazón Inmaculado de María: sería bueno, en tal caso, completar esa alusión con el extenso párrafo que les consagra en la «Signum Magnum».

Se ha recusado recibir en particular a la hermana Lucia. Sin embargo la obligó a salir de la clausura para ir a Fátima y allí la presentó a la muchedumbre.

No existe cualquier estudio crítico sobre Fátima semejante a aquellos dedicados a Lourdes o a La Salette. Dentro de pocos días, sin embargo, va a aparecer el más completo estudio crítico que jamás se hizo sobre cualquier otra aparición sobrenatural de todos los tiempos después de la Revelación.

Sobre la influencia que los sucesos de La Salette pueden haber tenido en Lucia, se hace necesario afirmar que eso es inconcebible antes de 1917 y, después, no existe fundamento alguno que permita apoyar esta mera hipótesis.

Lucia predijo solamente la consagración de Rusia, lo que se hizo «prudentemente» a través de la consagración del mundo entero. Lo cierto es que la consagración explícita de Rusia ha sido hecha por Pío XII en su Carta a todos los pueblos de Rusia «Sacro vergente anno» de 7 julio de 1952.

En Fátima se observa únicamente una piedad popular, reducida a la recitación del rosario y a «ejercicios especta-

culares de penitencia» comparables solo a los de los peregrinos del Ganges?

En primer término es una falta de espíritu ecuménico, tan al gusto de nuestros días, menospreciar cualesquiera ejercicios de penitencia que pertenecen al fondo universal del sentimiento religioso, sea quién sea que los practique. En segundo lugar se trata de un desconocimiento total de la práctica común en las peregrinaciones a Fátima en que la piedad de los fieles se manifiesta sobre todo en el culto de la Eucaristía: sacrificio, sacramento, presencia real; y en la penitencia sacramental. Soy testigo de que se confiesa muchísimo en Fátima, termina afirmando el Rev. P. Vanderghyest a quién agradecemos el favor de nos haber enviado esta carta con el permiso de publicarla.

CONTENIDO DEL SECRETO DE FÁTIMA

El Autor, después de nos haber hablado en el artículo publicado en el n.º 6 de nuestra revista (FATIMA-50 Año I, n.º 6, 13/10/67, pág. 11) de como Lucia, por orden del señor Obispo de Leiria Don José Alves Correia da Silva, ha redactado la tercera parte de las cosas reveladas por la Virgen y le hizo llegar a manos este escrito de 1944, entrega que ha sido muy difícil por varias circunstancias, nos habla, en el artículo hoy publicado, del camino seguido por ese manuscrito hasta llegar a Roma y da inicio al estudio de su contenido. Con esta finalidad juzga oportuno transcribir en la íntegra el discurso pronunciado en la Pontificia Academia Mariana Internacional de Roma, el 11 de febrero de este año, por el Eminentísimo Cardenal Ottaviani y en el cual el insigne Purpurado que estuvo en Fátima el 13 de octubre de 1957 y ha hablado con Lucia a quién preguntó, como cuenta, «que cosas deseaba que él, Cardenal, dijera de su parte al Santo Padre», a lo que ella contestó — «lo que me ha impresionado mucho», afirma S. Eminencia — «que pidiera al Papa para apresurar el proceso de beatificación de Francisco y de Jacinta».

Bién, dice el Cardenal Ottaviani, no puedo hablar del «secreto» porque si lo es no puedo darlo a conocer. Lo que sí, sé, es que el señor Obispo de Leiria que nunca quiso leer la carta con «el secreto» aunque Lucia le había dicho que podía leerlo, pues el escrito era para el Santo Padre, según la expresa voluntad de la Virgen, y se lo envió a Roma, habiendo sido entregado a la Congregación de la Doctrina de la Fe la cual a su vez lo entregó al Papa Juan XXIII que lo ha leído, en portugués, sin ayuda de intérprete y lo ha comprendido perfectamente como lo afirmó el Cardenal Ottaviani. Después lo ha metido en un otro sobre y lo introdujo en los archivos secretos del Vaticano que son como un pozo sin fondo en el cual ya nada más se puede ver, de donde no puede salir fácilmente y así ni yo sé ya adonde se encuentra. La razón por qué, según Lucia, «el secreto» no podría ser revelado antes del año 60 es sencillamente por que, entonces sería más comprensible, dado su carácter profético.

Sin embargo lo que más nos debe interesar es la parte del «secreto» tomada pública, aquella en que se nos pide

oración y penitencia para enmienda de vida y para conseguir la paz para el mundo.

LA ACTITUD DE LA IGLESIA ANTE LAS APARICIONES DE LA VIRGEN

El Autor de este artículo, tesis presentada en el Congreso Mariano Internacional de Fátima, nos informa de la actitud prudencial de la Iglesia frente a cualquier manifestación sobrenatural y justamente para tener la certeza de tratarse de algo sobrenatural y no de ilusión, engaño o hipocresía. Para tanto se procede a un largo inquérito de las personas y de los hechos antes de emitir un juicio favorable o desfavorable. Cuanto a las personas que dicen haber sido favorecidas con una visión celeste, se inquiriere de sus cualidades naturales y sobrenaturales, pues una persona virtuosa, humilde, es más digna de crédito que otra voluble, de las circunstancias familiares, etc. Cuanto a los hechos, se estudia su realidad física y el mensaje o contenido espiritual que de ordinario suelen acompañar las apariciones de la Virgen. Se hace necesario estudiar muy bien estos mensajes para ver si están conformes con la doctrina de la Iglesia, ya que no puede haber ninguna otra revelación nueva después del cierre de la auténtica Revelación, pero no repugna que haya una aclaración de ciertas verdades e insistencia en la práctica de las mismas. Una vez examinados todos estos puntos y no encontrándose nada en contra de la veracidad de las apariciones sometidas a juicio, estas son declaradas como dignas de crédito pero nunca impuestas. Pero la actitud de permanente escepticismo que algunos adoptan no es cristiana ni recomendable. Ciertas apariciones poseen un grande valor pastoral que la Iglesia aprovecha y con el cual se enriquece. Aunque la Revelación se haya cerrado, nadie puede negar al Espíritu Santo que continúe inspirando a sus fieles y no solamente a la jerarquía de la Iglesia pero también a los simples fieles como lo ha hecho a lo largo de la historia de la Iglesia en la cual, determinadas decisiones de la Jerarquía han sido motivadas por la insistencia de los seglares en determinadas posturas, por cierto inspiradas por el Espíritu Santo.

Fátima, como Lourdes y algunas pocas más apariciones de la Virgen María que hacen de nuestra época una «era mariana», esta dentro de todas las normas requeridas por la Iglesia para admitirlas como auténticas, aunque sin sancionarlas como «dogmas» por que no lo pueden ser de modo alguno. Fátima ha recibido incluso lo que ninguna otra ha recibido hasta el presente y ha sido el testimonio inestimable de la presencia del Santo Padre como peregrino orante según las indicaciones de su «mensaje».

COMO LA PRENSA HA VISTO LOS HECHOS DE FÁTIMA

Nuestra revista tiene el honor de iniciar en este número la publicación

de una serie de artículos inéditos de la autoría del actual Rector del Santuario de Fátima, Mons. Antunes Borges que ya en este primero se nos presenta como profundo conocedor del asunto, con mucha erudición, indicándonos quienes son los autores de los artículos que comenta y analiza críticamente; a quienes se dirigían algunos de ellos, cómo el autor del artículo de la revista «Illustração Portuguesa» del 29 de octubre de 1917 y que hemos reproducido fotográficamente en el anterior número de FÁTIMA-50, así como la evolución sufrida por algunos de esos autores, en general hombres sin fe, frente a los sucesos que pretendían relatar a su modo y según su criterio, mientras no fueron aplastados por la evidencia de los hechos. Los periódicos del tiempo, aunque han pretendido minimizar los hechos prodigiosos, han sido un instrumento en manos de la Providencia para tornarlos más conocidos y llevar la nueva a muchísimos que de otro modo hubieran permanecido en la ignorancia de los mismos. Cuando en octubre de 1917 las gentes se juntaron en la Cova da Iria en número de unos 70 000, a las informaciones de esos periódicos se lo deben. A través de estos estudios periodísticos el lector de nuestra revista puede acompañar una apasionante historia de Fátima escrita a base de documentos coevos e insuspectos.

R É S U M É S

LA TROISIEME PARTIE DU SECRET DE FÁTIMA

Dans l'article publié sur le numéro précédent de notre revue (FÁTIMA-50, 1ère Année, n.º 6, 13/10/67, page 11), l'auteur nous a dit comment Lucie, par ordre de Mgr. D. José Alves Correia da Silva, avait rédigé la troisième partie des choses révélées par Notre-Dame et comment en 1944 elle lui avait fait parvenir cet écrit, remise qui s'avéra difficile en raison de diverses circonstances. Dans l'article publié aujourd'hui, il nous parle du chemin suivi jusqu'à Rome par ce manuscrit et commence l'étude de son contenu probable. Dans ce but il juge opportun de transcrire dans son intégrité le discours prononcé à l'Académie Mariale Internationale de Rome par S. E. le Cardinal Ottaviani. Au cours de ce discours l'Eminent Cardinal, qui est déjà allé à Fátima et a parlé avec Lucie, nous raconte qu'il demanda à la Voyante «qu'est-ce qu'elle voulait que Lui, le cardinal Ottaviani, dise de sa part au Saint-Père»; elle répondit, «ce qui me toucha profondément» ajouta son Eminence, «de demander au Saint-Père de hâter la canonisation de François et de Jacinthe».

«Eh bien, dit le Cardinal Ottaviani, je ne peux pas parler d'un secret quelconque car précisément, si c'est un

secret, je ne peux pas le connaître. Ce que je sais c'est que l'évêque de Leiria envoya cet écrit cacheté à Rome sans avoir, peut-être par un certain respect vis-à-vis du Pape jamais voulu lire ce que contenait la lettre avec le manuscrit de la «troisième chose» alors que Lucie lui avait dit qu'il pourrait le faire bien que l'écrit fut adressé au Saint-Père, selon la volonté expresse de Notre-Dame». Cet écrit fut remis ensuite à la Sacrée Congrégation de la Doctrine de la Foi qui, à son tour, le donna au Pape Jean XXIII. Ce dernier le lut dans l'original portugais, donc sans aucun interprète, et, selon ce qu'il communique au Cardinal Ottaviani, il comprit très bien tout ce qu'il contenait. Puis il le plaça de nouveau dans son enveloppe cachetée, l'introduisit dans une autre qu'il ferma et mit cette dernière dans un coffre d'archives, un coffre «presque sans fond où tout est très sombre», selon l'expression du Cardinal, «et d'où il ne sortira pas facilement, si bien que jamais plus je ne l'ai vu ni ne sais maintenant où il est.» La raison pour laquelle, d'après Lucie, le «secret» ne devait pas être lu avant 1960 et non, comme on l'a interprété, «devait être lu en 1960» était simplement que, après cette date, vu son caractère mystérieux et prophétique, il se comprendrait mieux, comme toutes les prophéties.

Toutefois ce qui nous intéresse le plus est la partie du secret déjà rendue publique, celle où l'on nous demande prière et pénitence, pour changer de vie et obtenir la paix du Monde. Et ceci se voit déjà à Fátima, comme j'ai pu moi-même le constater, avec beaucoup d'édification, remarquant comment les humbles pèlerins portugais avaient su écouter les paroles de notre Mère.

L'ATTITUDE DE L'EGLISE EN FACE DES APPARITIONS DE NOTRE-DAME

L'auteur de cet article nous montre l'attitude de l'Eglise en face de toute manifestation du surnaturel, justement pour avoir la certitude qu'il s'agit de quelque chose de surnaturel et non de pure illusion, tromperie ou hypocrisie. A cet effet elle procède à une étude lente des personnes et des faits avant d'émettre tout jugement, favorable ou défavorable. Quant aux personnes qui disent avoir été favorisées d'une vision céleste, elle s'enquière de leurs qualités naturelles et de leurs vertus surnaturelles, donnant plus foi à une personne vertueuse qu'à une autre qui ne l'est pas, des circonstances familiales etc. Quant aux faits, elle étudie concrètement leur réalité physique et leur message ou contenu spirituel qui généralement accompagne les apparitions de la Vierge. Il s'avère indispensable d'étudier à fond si ces messages sont ou ne sont pas en conformité avec la doctrine de l'Eglise puisqu'il ne peut pas y avoir d'autres nouvelles révélations depuis la clôture de «La Révélation» avec la mort du dernier Apôtre; mais l'Eglise n'est pas opposée à ce qu'il y ait quelque éclaircissement sur certaines vérités et quelque insistance à les faire pratiquer. Une fois que tous ces points sont examinés et si rien ne se trouve en contradiction avec la véracité des apparitions soumises

à son jugement, ces apparitions sont déclarées comme dignes de foi mais nullement imposées. Toutefois l'attitude de scepticisme constant, adoptée par quelques uns n'a rien de chrétien et n'est pas à conseiller. Certaines apparitions possèdent une immense valeur pastorale dont l'Eglise fait bien de profiter et avec laquelle elle s'enrichit. Bien que la Révélation soit complète, personne ne peut nier l'action de l'Esprit-Saint qui continue à inspirer Ses fidèles, non seulement la Hiérarchie de l'Eglise mais aussi de simples laïcs, comme Il l'a fait tout au long de l'Histoire de l'Eglise au cours de laquelle certaines attitudes adoptées par l'Autorité Ecclésiastique furent motivées par l'insistance des laïcs dans des cas déterminés, certainement sous l'impulsion de l'Esprit-Saint.

Fátima, comme Lourdes et quelques autres rares apparitions de Notre-Dame, qui font de notre époque une «ère mariale», présente toutes les normes requises par l'Eglise pour être admise comme authentique sans être toutefois sanctionnée comme «dogme» puisqu'elle n'en est pas un. Mais Fatima a reçu ce qu'aucune autre n'a reçu encore: l'inestimable témoignage de la présence du Saint-Père venu comme «pèlerin-priant» selon les indications données dans son «message».

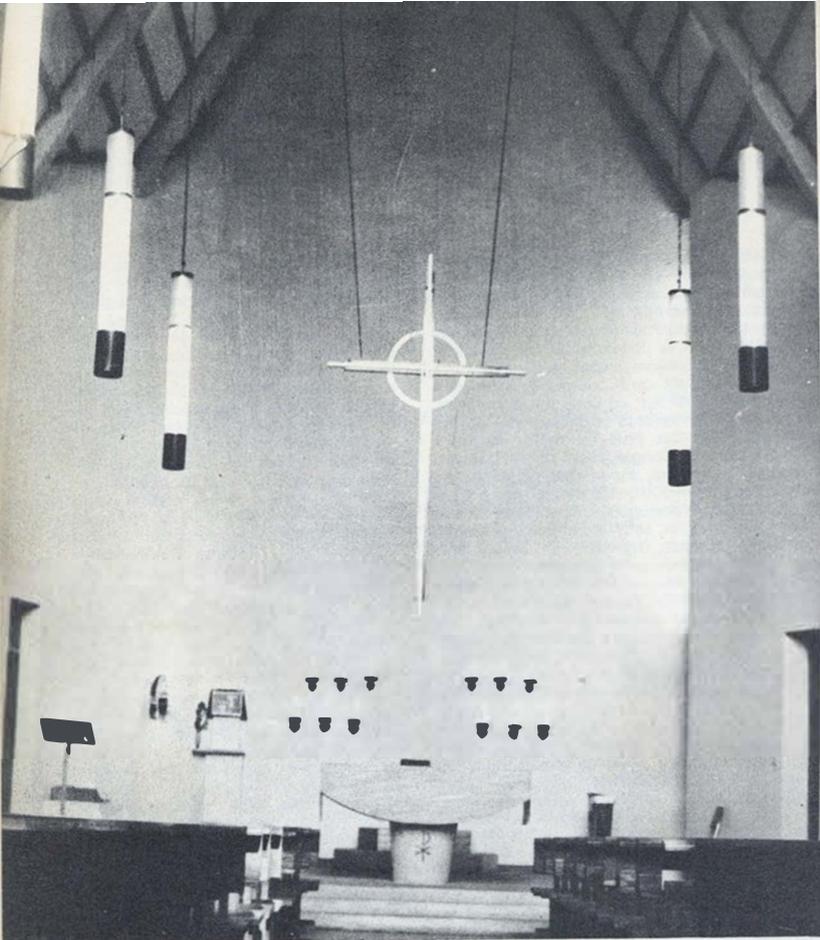
COMMENT LA PRESSE A VU LES EVENEMENTS DE LA COVA DA IRIA

Notre revue a le plaisir de commencer dans ce numéro la publication d'une série d'articles dont l'auteur est le Recteur actuel du Sanctuaire de Fatima, Mgr. Antunes Borges qui, déjà dès le début se présente à nous parfaitement connaisseur du sujet, d'une grande érudition, nous indiquant qui sont les auteurs des articles qu'il commente et analyse en critique et à qui quelques-uns d'entre eux s'étaient adressés, comme celui de la revue Illustration Portugaise du 29 Octobre 1917, intitulée «LETRE A QUICONQUE DEMANDE UN TEMOIGNAGE IRREFUTABLE» et que nous avons reproduit photographié dans le numéro précédent de «FÁTIMA-50», ainsi que l'évolution subie par les auteurs, hommes généralement sans foi ou qui l'avaient perdue, avant les événements qu'ils essayaient de relater, plus ou moins à leur manière, alors qu'ils n'avaient pas été écrasés par l'évidence des faits. Les journaux de l'époque, quoique prétendant étouffer ou ridiculiser les événements prodigieux furent un instrument entre les mains de la Providence pour les rendre plus connus et attirer sur le lieu du miracle beaucoup de monde qui autrement n'aurait pas eu si tôt la connaissance des faits. Quand en Octobre 1917 se réunirent à la Cova da Iria quelques 70 000 personnes, elles le doivent en partie à ces journaux. A travers ces études de journaux le lecteur de notre revue pourra lire une relation passionnante de l'histoire de Fatima écrite à base de documents contemporains et hors de soupçons.

S U M M A R Y

Unexpected difficulties avoid us from publishing, this month, the English which will appear on the next issue.

Thank you for your understanding,



FÁTIMA NO MUNDO



COREIA

TAE JEON

Nesta diocese coreana e justamente na sede da mesma, existe uma igreja dedicada a Nossa Senhora de Fátima, a de Moun-Tchang Dong, cujas fotos, do interior e exterior da mesma, reproduzimos. Construção iniciada em 1966, foi consagrada em 11 de Maio deste ano.

Notícia e fotos enviadas pelo senhor Bispo da Diocese, Mons. Pierre Hoang.



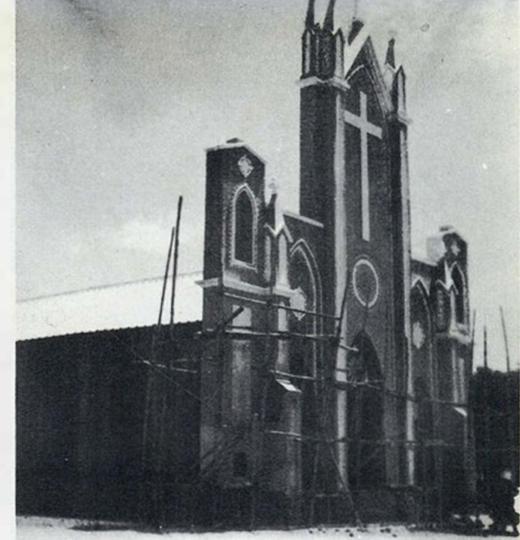
ÍNDIA

KUMBakonam

Fatimapuram é o actual nome da antiga Alagapuri, que assim passou a chamar-se após a conversão de um pequeno grupo de habitantes de casta superior, e a construção e dedicação, em 1956, da capela cuja foto reproduzimos.

Numa outra pequena cidade, Jeyangondam, existe também uma paróquia dedicada a Nossa Senhora de Fátima e cuja igreja, de grandes proporções, se espera esteja concluída em breve.

Nesta Diocese existem cerca de 50 igrejas e 35 capelas onde a imagem de Nossa Senhora de Fátima é venerada. Várias instituições, como escolas, hospitais, maternidades, etc. são igualmente dedicadas a Nossa Senhora de Fátima.



Notícia e foto enviadas pelo Rev. Pe. M. Santiago, Secretário do Bispado e em nome do senhor Bispo.



STA. LUCIA (Índias Ocidentais)

CASTRIES

Em 1950, a visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima despertou grande devoção em toda a população local, pois percorreu todas as paróquias. Decidiu-se então criar um pequeno santuário em La Clery, mesmo à saída de Castries, capital da ilha de Sta. Lucia. Mas a população aumentou consideravelmente, pelo que foi necessário construir uma nova e grande igreja, cujas obras foram iniciadas em 1963 e terminadas em 1965, tendo aquele distrito sido erecto em paróquia canónica no mês de Janeiro desse ano. O povo de La Clery precisa de uma estátua de Nossa Senhora de Fátima para a fachada da sua nova igreja, pelo que lembra a alguém que o possa ajudar, visto a terra ser muito pobre.

Notícia e foto enviadas pelo senhor Bispo de Castries, Mons. Charles Gachet.



S. E. Cardeal José Bueno Monreal, benze a estátua de Sto. Inácio, na Cova da Iria.

